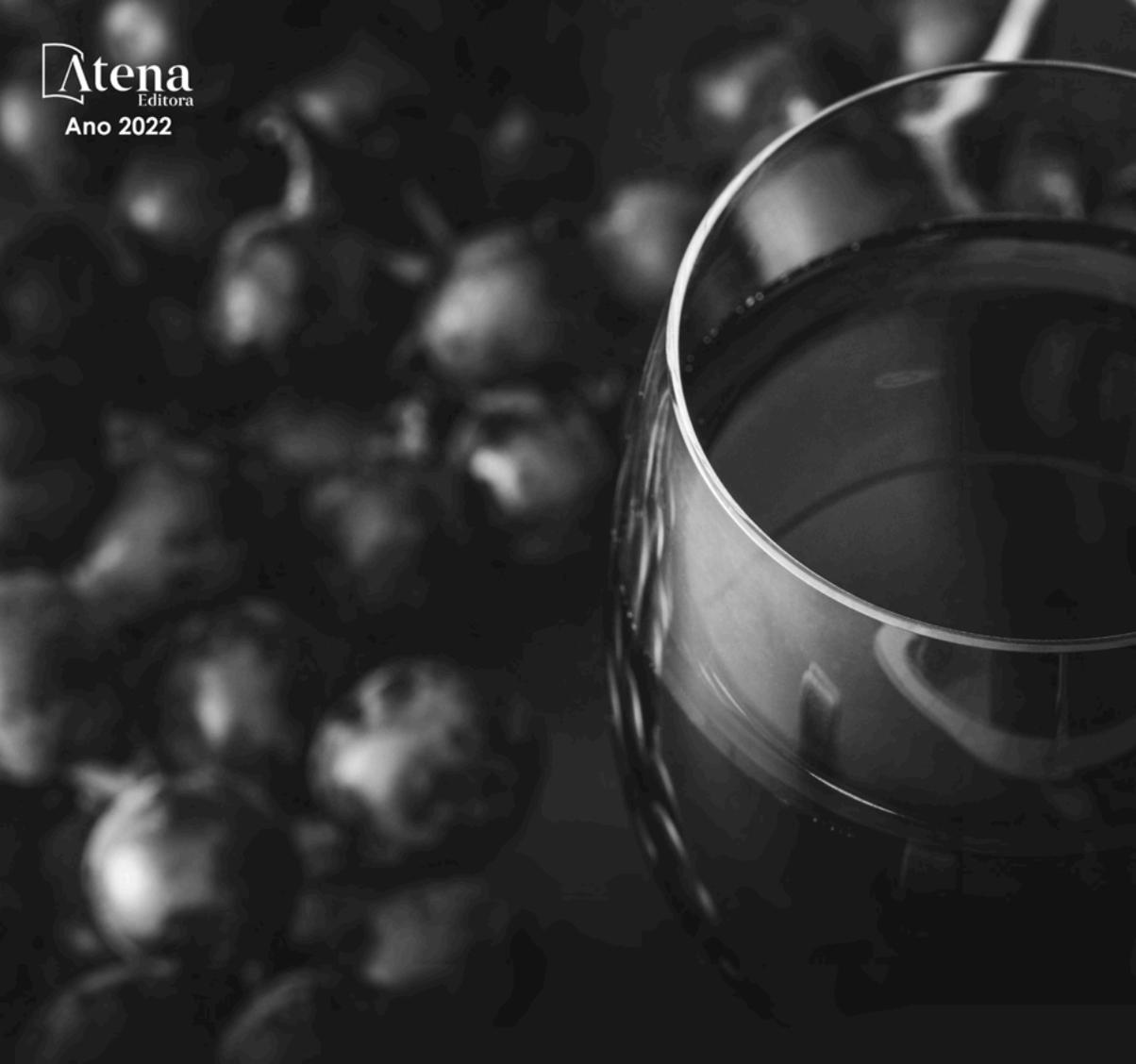




Vitivinicultura:

Cultivo da uva e produção de vinhos

Juan Saavedra del Aguila
Lília Sichmann Heiffig del Aguila
(Organizadores)



Vitivinicultura:

Cultivo da uva e produção de vinhos

Juan Saavedra del Aguila
Lília Sichmann Heiffig del Aguila
(Organizadores)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Vitivinicultura: cultivo da uva e produção de vinhos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Juan Saavedra del Aguila
Lília Sichmann Heiffig del Aguila

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V844 Vitivinicultura: cultivo da uva e produção de vinhos /
Organizadores Juan Saavedra del Aguila, Lília
Sichmann Heiffig del Aguila. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0492-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.927220809>

1. Indústria vinícola. 2. Vinhos. 3. Vitivinicultura. I.
Aguila, Juan Saavedra del (Organizador). II. Aguila, Lília
Sichmann Heiffig del (Organizadora). III. Título.

CDD 338.476632

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro “Vitivinicultura: Cultivo da Uva e Produção de Vinhos” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos, que compõem seus capítulos nos vários caminhos do manejo da Uva e da elaboração do Vinho. Nesta oportunidade, está sendo disponibilizado o presente livro para a comunidade técnico-científico e para a comunidade em geral, como mais uma contribuição da Ciência Brasileira ao Mundo do Vinho.

Num planeta, onde os efeitos das Mudanças Climáticas estão sendo sentidos ao redor do planeta e de todas as regiões produtoras de Uva, a pesquisa sobre o manejo do dossel vegetativo da Videira é fundamental. O Vinho é obtido da fermentação do mosto pela ação de leveduras, e este mosto contido nas bagas nada mais é do que açúcares fabricados pela Videira, a partir da transformação de energia luminosa em energia química, num processo fisiológico essencial para o nosso planeta, a Fotossíntese. Desta forma, pode se dizer que, em suma, a produção do Vinho tem como ponto de partida o Sol.

A temática, do manejo de dossel vegetativo, é abordada no Capítulo 1, apresentando resultados de pesquisa numa região que no ano de 2020 obteve a Indicação Geográfica (IG), na modalidade de Indicação de Procedência (IP), região denominada de Campanha Gaúcha, localizada, em grande parte, na metade sul do Rio Grande do Sul (RS).

No Capítulo 2, se traz indicativos que a seleção e melhoramento de leveduras com baixa capacidade de adsorção de antocianinas poderia ser uma ferramenta interessante para aumentar a coloração dos Vinhos Tintos.

No Capítulo 3, um trabalho com levedura do gênero *Issatchenkia*, trouxe resultados promissores desta levedura para reduzir a acidez málica em fermentações de Vinho.

No último Capítulo, são apresentados achados científicos interessantes sobre leveduras não convencionais, em Vinhos elaborados com uma cultivar brasileira de uva, a BRS Lorena.

Finalmente, se quer ressaltar a importância dos Institutos Federais e das Universidades, sejam estas públicas ou privadas, na geração de conhecimento no Brasil, como fica demonstrado nos trabalhos científicos aqui descritos, desenvolvidos pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)/Campus Dom Pedrito/Curso de Bacharelado em Enologia; Universidade Federal de Pelotas (UFPeL); Universidade de Caxias do Sul (UCS) e; pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

Juan Saavedra del Aguila
Lília Sichmann Heiffig del Aguila

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MANEJO DO DOSSEL VEGETATIVO NA PRODUTIVIDADE E NA QUALIDADE DA UVA E DO VINHO ‘CABERNET SAUVIGNON’ NO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO-RS

Jansen Moreira Silveira
César Valmor Rombaldi
Marcos Gabbardo
Giovana Paula Zandoná
Wellynthon Machado da Cunha
Lília Sichmann Heiffig-del Aguila
Juan Saavedra del Aguila

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9272208091>

CAPÍTULO 2..... 16

INFLUÊNCIA DA CEPA DE LEVEDURA NA COLORAÇÃO DE VINHO MERLOT/TANNAT TERMOVINIFICADO E SUA RELAÇÃO COM A ADSORÇÃO DE PIGMENTOS

Gabriel Carissimi
Fernanda Knaach Sandri
Fernando Joel Scariot
Ana Paula Longaray Delamare
Sergio Echeverrigaray

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9272208092>

CAPÍTULO 3..... 30

SELEÇÃO E AVALIAÇÃO DE LEVEDURAS DO GÊNERO *Issatchenkia* COM POTENCIAL ENOLÓGICO PARA DEGRADAÇÃO DE ÁCIDO L-MÁLICO

Luisa Vivian Schwarz
Angela Rossi Marcon
Fernando Joel Scariot
Fernanda Knaach Sandri
Sergio Echeverrigaray
Ana Paula Longaray Delamare

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9272208093>

CAPÍTULO 4..... 42

CONTRIBUIÇÃO DE *Torulaspora delbrueckii* NAS CARACTERÍSTICAS DE VINHO DA VARIEDADE BRS-LORENA

Daniel Moacir Grison
Fernanda Knaach Sandri
Luisa Vivian Schwarz
Bruno Cisilotto
Ronaldo Kauê Mattos Rocha
Sergio Echeverrigaray
Ana Paula Longaray Delamare

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9272208094>

SOBRE OS ORGANIZADORES	56
ÍNDICE REMISSIVO.....	58

CAPÍTULO 1

MANEJO DO DOSSEL VEGETATIVO NA PRODUTIVIDADE E NA QUALIDADE DA UVA E DO VINHO 'CABERNET SAUVIGNON' NO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO-RS

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 05/07/2022

Lília Sichmann Heiffig-del Aguila

Embrapa Clima Temperado

Pelotas - RS

<http://lattes.cnpq.br/9268717260815217>

Jansen Moreira Silveira

Curso de Bacharelado em Enologia, Campus Dom Pedrito, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Dom Pedrito - RS

<http://lattes.cnpq.br/2208795683029977>

Juan Saavedra del Aguila

Curso de Bacharelado em Enologia, Campus Dom Pedrito, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Dom Pedrito - RS

<https://orcid.org/0000-0002-6989-0799>

César Valmor Rombaldi

Universidade Federal de Pelotas (UFPe), Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel" (FAEM), Departamento de Ciência dos Alimentos Pelotas - RS

<http://lattes.cnpq.br/0102364512482073>

Marcos Gabbardo

Curso de Bacharelado em Enologia, Campus Dom Pedrito, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Dom Pedrito - RS

<http://lattes.cnpq.br/4004785161262286>

Giovana Paula Zandoná

Universidade Federal de Pelotas (UFPe), Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel" (FAEM), Departamento de Ciência dos Alimentos Pelotas - RS

<http://lattes.cnpq.br/8628129403258651>

Wellynthon Machado da Cunha

Curso de Bacharelado em Enologia, Campus Dom Pedrito, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Dom Pedrito - RS

<http://lattes.cnpq.br/3767080842113297>

RESUMO: O manejo do dossel vegetativo da videira pode alterar a produtividade e a qualidade da uva e do vinho. Uma das práticas mais importantes desse manejo é a definição da altura do dossel vegetativo. Por isso, testaram-se, na safra 2016/17, as seguintes alturas de desponde: 60 cm (T1), 80 cm (T2), 100 cm (T3) e 120 cm (T4). Como variáveis respostas, avaliaram-se o peso médio dos cachos (g), a produtividade por planta (kg), a produtividade estimada por hectare (t.ha⁻¹), a composição físico-química do mosto e do vinho. Os dados obtidos foram submetidos à análise de variância (ANOVA), e quando significativa, as médias foram comparadas pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade, usando o programa Assistat 7.7. Desse estudo, se verificou que as principais variáveis agrônômicas (peso médio dos cachos, produtividade por planta e por área) não foram afetadas pela altura do dossel vegetativo, nas duas safras avaliadas. No entanto, a composição físico-química do mosto e do vinho foram afetadas. A manutenção de dossel com 120 cm de altura foi o que mais agregou qualidade ao mosto e ao vinho, especialmente

por ter acumulado maiores teores sólidos solúveis e açúcares redutores no mosto, e gerando vinhos com maiores valores de teor alcoólico, antocianinas totais, índice de polifenóis totais (IPT), intensidade de cor e menor tonalidade. O perfil qualitativo das principais antocianinas do vinho ‘Cabernet Sauvignon’ foi afetado pela altura do dossel vegetativo.

PALAVRAS-CHAVE: *Vitis vinifera* L., enologia, vitivinicultura, Campanha Gaúcha.

VEGETATIVE CANOPY MANAGEMENT ON YIELD AND QUALITY OF GRAPE AND ‘CABERNET SAUVIGNON’ WINE FROM THE MUNICIPALITY OF DOM PEDRITO-RS

ABSTRACT: The management of the vegetative canopy of the vine can alter the productivity and the quality of the grape and the wine. One of the most important practices of this management is the definition of vegetative canopy height. Therefore, the following heights of emergence were tested: 60 cm (T1), 80 cm (T2), 100 cm (T3) and 120 cm (T4) in season 2016/17. As response variables, the average weight of the bunches (g), the productivity per plant (kg), the estimated productivity per hectare (t.ha⁻¹), and the physicochemical composition of the must and the wine were evaluated. The data were submitted to analysis of variance (ANOVA), and when significant, the averages were compared by the Tukey test at 5% probability, using the program Assistat 7.7. From this study, it was verified that the main agronomic variables (average weight of bunches, yield per plant and area) were not affected by the height of the vegetative canopy, in the two harvests evaluated. However, the physico-chemical composition of the must and wine were affected. The maintenance of a canopy with 120 cm of height was the one that added more quality to the must to the wine, especially for having accumulated higher solid soluble soluble sugars content in the must, and generating wines with higher values of alcoholic content, total anthocyanins, IPT, color and less tonality. The qualitative profile of the main anthocyanins of the ‘Cabernet Sauvignon’ wine was affected by the height of the vegetative canopy.

KEYWORDS: *Vitis vinifera* L., oenology, viticulture, Campanha Gaúcha region.

1 | INTRODUÇÃO

A região da Campanha, localizada no sul do Brasil, na fronteira com o Uruguai, já está consolidada como polo vitivinícola, responsável por aproximadamente 25% da produção de uvas *V. vinifera* L. (DEBON, 2016). Nessa região, o clima é classificado como subtropical úmido, tipo Cfa, segundo classificação de Köppen (MORENO, 1961). O solo do local pertence à unidade de mapeamento Bexigoso, classificando-se como Luvisolo Háplico Órtico Típico (STRECK et al., 2002). As uvas produzidas nessa região já são reconhecidas pelo potencial de produção de vinhos de alta qualidade, no que concerne à quantidade de álcool, polifenóis totais e compostos aromáticos, tanto em processos de obtenção de vinhos jovens, como naquele de produção de vinhos para envelhecimento prolongado (PÖTTER, 2010; ZOCHE, 2017).

No ano de 2020, a Campanha Gaúcha, recebeu a Indicação Geográfica (IG), na modalidade de Indicação de Procedência (IP) (EMBRAPA, 2022).

As Indicações Geográficas identificam vinhos originários de uma área geográfica delimitada quando determinada qualidade, reputação ou outra característica são essencialmente atribuídas a essa origem geográfica (EMBRAPA, 2022).

A Indicação de Procedência da campanha compreende uma área geográfica que totaliza 44.365 km², abrange, em todo ou em parte, 14 municípios da região: Aceguá, Alegrete, Bagé, Barra do Quaraí, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra, Itaqui, Lavras do Sul, Maçambará, Quaraí, Rosário do Sul, Santana do Livramento e Uruguaiana. Para a elaboração dos vinhos, 100% das uvas devem ser produzidas na área delimitada (EMBRAPA, 2022).

Para a elaboração dos vinhos, são autorizadas 36 cultivares de videira produzidas na região, todas do gênero *Vitis vinifera*, sendo algumas destas 'Alvarinho', 'Ancellota', 'Cabernet Franc', 'Cabernet Sauvignon', 'Chardonnay', 'Chenin Blanc', 'Gewurztraminer', 'Malbec', 'Marselan', 'Merlot', 'Petit Verdot', 'Pinot Grigio', 'Pinot Noir', 'Riesling Itálico', 'Riesling', 'Renano', 'Ruby Cabernet', 'Sauvignon Blanc', 'Syrah', 'Tannat', 'Tempranillo', 'Touriga Nacional' e 'Trebiano' (EMBRAPA, 2022).

É liberada a produção de vinhos finos tranquilos brancos, rosados e tintos e os espumantes naturais, sendo os varietais com no mínimo 85% da variedade indicada no vinho varietal (EMBRAPA, 2022).

No entanto, dentre os multifatores que interferem na qualidade da uva, o manejo do dossel vegetativo da videira é um dos mais impactantes (BRIGHENTI et. al., 2010; FREGONI, 1987; GUIDONI; SCHUBERT, 2001; LAVIN; PARDO, 2001; LEEUWEN; SEGUIN, 2006; MANDELLI, 2008, PETERSON; SMART, 1975; SMART, 1985, 1991). Assim, em cada região vitícola, e dentro de cada uma delas, para cada proposta de vinho a ser produzido, se estudam manejos dos dosséis vegetativos, de modo a se definir a melhor relação de fonte/dreno (SANTOS, 2006; DA SILVA, 2010). De modo geral, o princípio fisiológico básico que norteia as ações fitotécnicas é a relação fonte/dreno, que se manifesta na produtividade e na qualidade da uva e do vinho (SANTOS, 2006).

No sistema de condução em espaldeira, as alturas de dosséis mais empregadas variam de 100 cm a 120 cm (KLEWER, 1981; MIELE et. al., 2003; REYNIER, 2002; SANTOS, 2006). Esse manejo busca ter um equilíbrio entre a área foliar e a produção de uva, de modo a haver equilíbrio entre a fração majoritariamente vegetativa (ramos e folhas), com a reprodutiva (cachos de uva). Em função disso, se buscam manejos que gerem índice de Ravaz entre 4 e 7, sendo que índices maiores que 7 indicam excesso de produção de frutos, e os menores que 4 demonstram vigor excessivo da planta (YUSTE, 2005).

Para se garantir esses indicadores, uma das formas mais empregadas é a despona, alterando as dimensões do dossel vegetativo (NACHTIGAL; ROBERTO, 2005). Vários autores relatam a influência da modificação da área foliar através da despona, influenciando as variáveis agrônomicas e a qualidade da uva e, conseqüentemente, do vinho (BORGHEZAN et al., 2011; MIELE, 2010; MIELE; MANDELLI, 2012; MOTA, 2010).

Nesse contexto avaliou-se a influência do manejo do dossel vegetativo, mais especificamente a altura do dossel, obtida por despontes periódicos, nas variáveis agrônômicas, do mosto e no vinho da uva 'Cabernet Sauvignon'.

2 | MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi conduzido no ciclo 2016/17, em vinhedo localizado no município de Dom Pedrito-RS, Brasil (31° 01' S, 54° 36' W, altitude 159m). O solo pertence à unidade de mapeamento Bexigoso, classificando-se como Luvissolo Háplico Órtico Típico (STRECK et al., 2002). O clima da região é classificado como subtropical úmido, tipo Cfa, segundo classificação de Köppen (MORENO, 1961). A região é caracterizada por clima subtropical úmido, com precipitação média anual de 1300 mm, e média mensal de janeiro a março de 100 mm, com temperatura média anual é de 17,9°C e a média de janeiro a março de 23,0°C.

O experimento foi realizado em vinhedo implantado em 2000, cultivar Cabernet Sauvignon, Clone R8, sobre o porta enxerto 'SO₄', sustentado em espaldeira, com espaçamento de 3,0 m entre linhas e 1,2 m entre plantas e fileiras com orientação solar Leste-Oeste. O vinhedo foi conduzido em sistema de cordão esporonado duplo, indicado para alta produtividade por hectare, deixando-se 2 gemas por esporão. A carga de gemas por planta foi de 24 a 28. O ciclo fenológico iniciou em meados de setembro (brotação) e se estendeu até a primeira quinzena de março (colheita). Por ocasião da maturação, colocou-se tela de proteção na área dos cachos, de modo a proteger a uva do ataque de pássaros.

O trabalho consistiu em manter a altura dos dosséis em 60 cm (T1), 80 cm (T2), 100 cm (T3) e 120 cm (T4) (Figura 1). Essas alturas de dossel já vinham sendo mantidas nos vinhedos e foram mantidas, nos ciclos avaliados até o momento da colheita, através de despontes periódicos.

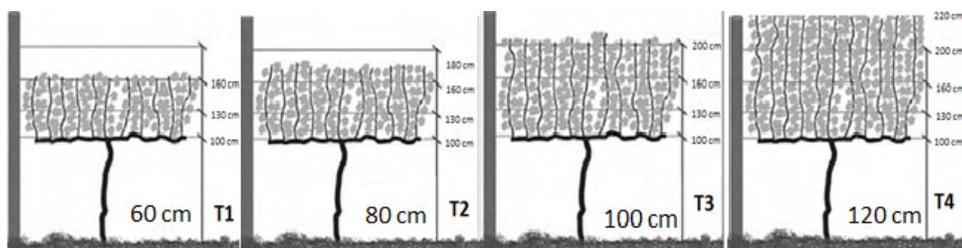


Figura 1 - Ilustração dos diferentes manejos do dossel vegetativo. Tratamentos de desponda dos sarmentos a 60 cm (T1), 80 cm (T2), 100 cm (T3) e 120 cm (T4), Dom Pedrito - RS, adaptado de Brighenti et. al. (2010).

O delineamento experimental foi em blocos inteiramente casualizados. Para cada tratamento (altura do dossel) foram feitas seis repetições, com 7 plantas por repetição, 42

plantas cada tratamento, perfazendo um total de 168 plantas para o experimento.

Durante o ciclo de produção, todas as práticas fitotécnicas (adubação, roçadas, desfolha) e fitossanitárias (herbicidas, fungicidas e inseticidas) foram aplicadas uniformemente em todos os tratamentos. As uvas foram colhidas manualmente no mês de março para ambas as safras. Para as uvas colhidas na safra 2016/17, as médias entre os tratamentos foi de 19,45 °Brix e acidez total de 2,89 g.L⁻¹ expressa em ácido sulfúrico. Antes do processamento, as uvas foram armazenadas em câmara fria a 6°C e 80% de UR, por 24 h. Após esse período, a uva foi desengaçada e esmagada e transferida para recipientes de vidro com capacidade de 14 L, adicionando-se metabisulfito de potássio (100 mg.kg⁻¹), levedura (20 g.hL⁻¹ *Saccharomyces cerevisiae*, Zymaflore FX 10; Laffort; França), enzima pectolítica (5 g.hL⁻¹ Rohapect VC-R; AB Enzymes; Alemanha) e nutrientes para levedura (50 g.hL⁻¹ Gesferm Plus; Amazon Group; Brasil).

Os vinhos foram elaborados por método clássico, com oito dias de maceração com cascas e sementes. Durante a maceração/fermentação, se realizou remontagens (duas vezes ao dia), e a temperatura de fermentação foi mantida entre 20 e 22°C em ambiente controlado. Ao final da maceração, o vinho flor foi extraído e a massa sólida foi prensada com auxílio de uma prensa vertical manual. O vinho flor e o vinho da prensagem foram reunidos e, 48 horas após, foi realizada uma trasfega para retirada dos sedimentos. A fermentação malolática ocorreu de forma espontânea (30 dias de duração) e após seu término os vinhos foram adicionados de dióxido de enxofre (concentração ajustada para 35 mg.L⁻¹ de SO₂ livre). Após três meses, os vinhos foram submetidos à trasfega para remover a borra fina e proporcionar oxigenação. Por fim, após sete meses, os vinhos foram engarrafados em garrafas de 750 mL.

Como variáveis agronômicas avaliaram-se o peso médio de cacho (g), a produtividade por planta (kg) e a produtividade estimada em toneladas por hectare (t.ha⁻¹). Essas avaliações foram conduzidas por pesagem da uva, e para o cálculo da produtividade por área, considerando-se uma população de 2.775 plantas por hectare. Também, calculou-se o Índice de Ravaz, que faz uma relação da produção de uva por planta (kg) sobre o peso dos ramos no momento da poda seca (kg).

As análises físico-químicas da uva/mosto foram: a determinação de pH; sólidos solúveis totais (SST), expresso em °Brix; açúcares redutores (AR); acidez total (AT); concentração de ácido tartárico, de ácido málico, todas por espectrometria de infravermelho (FTIR), com o uso do equipamento WineScan™ SO₂ (FOSS, Dinamarca).

Para a análise clássica dos vinhos, determinou-se o teor de álcool, a acidez total, o pH, o teor de açúcares redutores e de glicerol e a acidez volátil, todas através de espectrometria de infravermelho (FTIR), com o uso do equipamento WineScan™ SO₂ (FOSS, Dinamarca). As concentrações de taninos totais, de antocianinas totais, os índices de etanol, de gelatina, índice de polifenóis totais (IPT) e o índice de HCl foram determinados de acordo com métodos propostos por Zamora (2003). A intensidade de cor e

a tonalidade foram analisadas de acordo com método oficial da Organização Internacional da Uva e do Vinho (OIV) (2015). Para a análise de antocianinas individuais, 200 μL de vinho foram diluídos em 800 μL (5 vezes) metanol grau HPLC (Sigma-Aldrich) e posteriormente filtrados com membrana de 0.45 μM . Após o preparo da amostra, 10 μL da amostra diluída foram injetados em cromatógrafo líquido de alta eficiência (UFLC, Shimadzu, Japão) acoplado a espectrômetro de massas de alta resolução do tipo quadrupolo-tempo de voo (Maxis Impact, BrukerDaltonics, Bremen, Alemanha). Para a separação cromatográfica foi utilizada a pré-coluna C18 (2,0 x 4 mm) e coluna Luna C18 (2.0 x 150 mm, 100 Å, 3 μm) (Phenomenex Torrance, CA, USA). As fases móveis foram: água acidificada com 0,1% de ácido fórmico (eluente A) e acetonitrila acidificada com 0,1% de ácido fórmico (eluente B). Para separação foi utilizado gradiente de eluição de: 0 - 2 min, 10% B; 2 - 15 min, 10 a 75% B; 15 - 18 min, 90% B; 18 - 21 min, 90% B; 21 - 23 min, 10% B; 23 - 30 min, 10% B. O fluxo foi de 0,2 mL min^{-1} e a temperatura da coluna foi mantida a 40°C. O espectrômetro de massas foi operado nos modos ESI negativo (ácidos fenólicos e flavonoides) e positivo (antocianinas) com espectros adquiridos ao longo de uma faixa de massa de m/z 50 a 1200, com voltagem capilar em 3.5 kV, pressão do gás de nebulização (N_2) de 2 bar, gás de secagem em 8 L min^{-1} , temperatura da fonte de 180°C, colisão de RF de 150 Vpp; transfer 70 mS e armazenamento pré-pulso de 5 mS. O equipamento foi calibrado com formiato de sódio 10mM, cobrindo a faixa de aquisição de m/z 50 até 1200. Experimentos automáticos de MS/MS foram realizados ajustando os valores de energia de colisão como se segue: m/z 100, 15 eV; m/z 500, 35 eV; m/z 1000, 50 eV, usando nitrogênio como gás de colisão. Os dados de MS e MS/MS foram processados por meio do software Data analysis 4.0 (Bruker Daltonics, Bremen, Alemanha).

As antocianinas foram caracterizadas pelo espectro de UV/Vis (210-800 nm) e massa exata, padrões de fragmentação MS^n em comparação com os dados da biblioteca do equipamento, bases de dados (padrões, Metlin, MassBank, KeggCompound, ChemSpider) e em comparação com padrão isotópico. A quantificação dos ácidos fenólicos e flavonoides foi realizada através de curva de calibração externa com padrões de cada composto. Os resultados foram expressos em $\mu\text{g mL}^{-1}$. O teor de antocianinas foi quantificado em relação à curva de calibração externa de pelargoinidina e os resultados foram expressos em $\mu\text{g mL}^{-1}$ e padrão interno (reserpina).

Os dados obtidos foram submetidos à análise de variância (ANOVA), e quando significativa, as médias foram comparadas pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade usando o programa Assistat 7.7.

3 | RESULTADO

O manejo fitotécnico dos dosséis vegetativos da cultivar Cabernet Sauvignon, Clone R 8, com alturas que foram de 60 cm até 120 cm, não alterou as respostas correspondentes

à maioria das variáveis agrônômicas testadas, como é o caso do peso médio dos cachos que ficou entre 112,5 g (60 cm) e 128,7 g (120 cm); da produção por planta, que variou de 4,2 (kg) 80 cm a 5,2 (kg) (100 cm); da produtividade por hectare, que variou de 11,5 (t.ha⁻¹) a 14,5 (t.ha⁻¹). A única variável alterada foi o Índice de Ravaz, que atingiu 5,5 no vinhedo com dossel de 60 cm, e 3,0 no vinhedo com dossel de 120 cm (Tabela 1).

Variáveis	Alturas dos dosséis				
	Ciclo	60 cm	80 cm	100 cm	120 cm
Peso médio de cacho (g)	2016/17	112,51 ns*	119,477	123,34	128,66
Produtividade por planta (kg)	2016/17	5,11 ns	4,16	5,21	4,85
Produtividade estimada por hectare (t.ha⁻¹)	2016/17	14,17 ns	11,54	14,45	13,47
Índice de Ravaz	2016/17	5,50 a**	4,02 ab	3,54 ab	3,04 b

*ns – diferença não significativa. **Médias seguidas por letras minúsculas distintas, na mesma linha, diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade (p<0,05).

Tabela 1 - Peso médio dos cachos, produção média por planta e produtividade por hectare de uvas 'Cabernet Sauvignon', manejado com dosséis de 60 cm, 80 cm, 100 cm e 120 cm, na safra 2016/17

Em relação às variáveis clássicas de avaliação da uva/mosto para vinificação, se observou que a altura do dossel interferiu na maturação tecnológica da uva (Tabela 2). De modo geral, se considerado o conjunto de resultados, foi a uva colhida no tratamento com dossel de 120 cm que apresentou maturação tecnológica mais avançada, ou seja, é o mosto que teve maior teor de sólidos solúveis totais (19,7 °Brix), maior teor de açúcares redutores (197,6 g.L⁻¹) e menores teores de ácido tartárico (5,7 g.L⁻¹) e málico (2,7 g.L⁻¹).

Variáveis	Tratamentos				
	Ciclo	60 cm	80 cm	100 cm	120 cm
Sólidos Solúveis Totais (°Brix)	2016/17	19,43 b*	19,50 b	19,20 c	19,70 a
Acidez Total (g.L⁻¹ ác. sulfúrico)	2016/17	2,70 c	2,86 bc	3,13 a	2,90 b
pH	2016/17	3,55 a	3,53 b	3,50 c	3,47 d
Açúcares Redutores (g.L⁻¹)	2016/17	194,50 b	195,76 ab	191,00 c	197,56 a
Ácido Tartárico (g.L⁻¹)	2016/17	5,53 b	5,53 b	6,03 a	5,66 b
Ácido Málico (g.L⁻¹)	2016/17	2,60 b	2,86 a	2,90 a	2,66 b

*ns – diferença não significativa. **Médias seguidas por letras minúsculas distintas, na mesma linha, diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade (p<0,05).

Tabela 2 - Composição físico-química do mosto de uva 'Cabernet Sauvignon' proveniente de vinhedos manejados com dosséis de 60 cm, 80 cm, 100 cm e 120 cm, na safra 2016/17

No contraponto, foi à uva do vinhedo com dossel de 100 cm que se caracterizou por uma maturação menos avançada com menores sólidos solúveis totais (19,2 °Brix), maior acidez total titulável (3,1 g.L⁻¹), menor teor de açúcares redutores (191,0 g.L⁻¹) e maiores teores de ácido tartárico (6,0 g.L⁻¹) e málico (2,9 g.L⁻¹). Para a variável pH, os valores foram diminuindo com o aumento da altura do dossel (Tabela 2). Esse comportamento ocorreu nas duas safras.

Ao se analisarem os vinhos produzidos com as uvas dos vinhedos com as diferentes alturas de dosséis, se observou que, seguindo a tendência observada para o mosto das uvas do tratamento com dossel de 120 cm, o maior teor de álcool (11,4 v/v) foi observado nesses vinhos (Tabela 3).

Em contrapartida, o menor teor de álcool foi obtido no vinho produzido com uvas do tratamento com dossel de 60 cm (10,6 v/v). Em relação às demais variáveis descritivas de qualidade dos vinhos, se observou que os vinhos são equivalentes, tendo acidez total entre 5,23 e 5,40 g.L⁻¹, acidez volátil entre 0,50 e 0,56 g.L⁻¹ e teores de açúcares redutores de 2,4 g.L⁻¹ a 2,5 g.L⁻¹. O teor de glicerol foi maior nos vinhos do tratamento de 120 cm (8,1 g.L⁻¹) e o menor no tratamento de 60 cm (7,5 g.L⁻¹).

Variáveis	Tratamentos				
	Ciclo	60 cm	80 cm	100 cm	120 cm
Álcool v/v	2016/17	10,60 b*	11,10 ab	11,08 ab	11,43 a
Acidez total em ác. tartárico (g.L ⁻¹)	2016/17	5,33 ns*	5,26	5,40	5,23
pH	2016/17	3,63 ns	3,68	3,64	3,66
Acidez volátil (g.L ⁻¹)	2016/17	0,50 ns	0,56	0,56	0,50
Açúcar redutor (g.L ⁻¹)	2016/17	2,43 ns	2,43	2,26	2,53
Glicerol (g.L ⁻¹)	2016/17	7,50 b**	7,67 ab	7,73 ab	8,07 a
DO 420 nm	2016/17	0,29 b	0,36 ab	0,37 ab	0,41 a
DO 520 nm	2016/17	0,29 b	0,39 ab	0,42 ab	0,47 a
Intensidade de Cor (420 nm + 520 nm)	2016/17	0,57 b	0,75 ab	0,78 ab	0,88 a
Tonalidade (420 nm/520 nm)	2016/17	1,00 a	0,92 ab	0,88 b	0,87 b
Antocianinas totais (mg.L ⁻¹)	2016/17	214 b	214 b	218 b	252 a
Taninos totais (g.L ⁻¹)	2016/17	0,97 ns	1,02	1,12	1,03
Índice de Etanol (%)	2016/17	90 ns	90	91	61
Índice de HCL (%)	2016/17	3,8 ns	3,4	8,0	5,5
Índice de Gelatina (%)	2016/17	55 ns	46	48	37
IPT	2016/17	22,5 b	24,7 ab	25,9 ab	27,7 a

*ns – diferença não significativa. **Médias seguidas por letras minúsculas distintas, na mesma linha, diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade (p<0,05).

Tabela 3 - Composição fenólica e físico-química geral dos vinhos 'Cabernet Sauvignon'. Teor alcoólico, acidez total, pH, , acidez volátil, glicerol, DO 420 nm, DO 520 nm, índice de cor e tonalidade, antocianinas totais, taninos totais e índices de etanol, HCL, Gelatina e polifenóis totais (IPT) , proveniente de vinhedos manejados com dosséis de 60 cm, 80 cm, 100 cm e 120 cm, na safra 2016/17

Em relação à cor, os vinhos, aqueles produzidos com uvas colhidas das plantas com altura do dossel de 120 cm foram os que apresentaram maior intensidade de cor (0,88) e tonalidade (1,00). Em relação à composição fenólica (Tabela 3), os vinhos produzidos com uvas do tratamento com dossel de 120 cm de altura foram os que apresentaram maior concentração (252 mg.L⁻¹), assim como o maior IPT (27,7). Para as demais variáveis analisadas não houve efeito dos tratamentos, tendo-se um teor de taninos totais de 0,97 a 1,12 g.L⁻¹, um índice de etanol de 61 a 91 %, um índice de HCl de 3,4 a 8,0 % e um índice de gelatina de 37 a 55 %. A identificação das principais antocianinas do vinho revelou que as principais componentes dessa categoria são a malvidina 3-O-glicosídeo e malvidina 3-O-acetilglicosídeo. Na comparação dos tratamentos, o perfil qualitativo foi o mesmo para, petunidina-3-O-glicosídeo entre 1,09 a 1,40 mg.L⁻¹, malvidina-3-(6-cumaril)-glicosídeo entre 3,07 e 3,67 mg.L⁻¹, delphinidina-3-O-glicosídeo entre 0,69 e 0,71 mg.L⁻¹, e as maiores concentrações de peonidina-3-O-monoglicosídeo (1,49 mg.L⁻¹), malvidina-3-O-glicosídeo (17,85 mg.L⁻¹), delphinidin-3-O-acetilglicosídeo (0,81 mg.L⁻¹), peonidina-3-(6-acetilglicosídeo), (2,03 mg.L⁻¹), petunidina-3-(6-cumaril-glicosídeo) (0,16 mg.L⁻¹) foram detectadas no vinho produzido com uvas do vinhedo com dossel de 120 cm (Tabela 4).

Compostos	Tratamentos			
	60 cm	80 cm	100 cm	120 cm
Peonidina-3-O-monoglicosídeo	1,29±0,06 ^{c**}	1,20±0,01 ^d	1,40±0,02 ^b	1,49±0,00 ^a
Malvidina-3-O-glicosídeo	16,74±0,50 ^b	14,35±0,44 ^c	16,81±0,35 ^b	17,85±0,16 ^a
Delphinidin-3-O-acetilglicosídeo	0,75±0,01 ^c	0,74±0,00 ^c	0,79±0,00 ^b	0,81±0,00 ^a
Malvidina-3-O-acetilglicosídeo	18,38±0,89 ^a	14,17±0,24 ^c	15,25±0,24 ^b	15,65±0,20 ^b
Peonidina-3-(6-acetilglicosídeo)	1,85±0,09 ^b	1,65±0,04 ^c	1,97±0,06 ^a	2,03±0,03 ^a
Petunidina-3-O-glicosídeo	1,25±0,10 ^{ns*}	1,09±0,02	1,40±0,08	ND
Petunidina-3-(6-cumaril-glicosídeo)	0,15±0,00 ^b	0,15±0,00 ^b	0,16±0,00 ^a	0,16±0,00 ^a
Malvidina-3-(6-cumaril)-glicosídeo	3,67±0,53 ^{ns}	3,07±0,27	3,65±0,40	3,61±0,30
Delphinidina-3-O-glicosídeo	0,71±0,00 ^{ns}	0,69±0,00	0,70±0,00	0,71±0,00

*ns – diferença não significativa. **Médias seguidas por letras minúsculas distintas, na mesma linha, diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade (p<0,05).

Tabela 4 - Concentração em (mg.L⁻¹) de antocianinas individuais no vinho 'Cabernet Sauvignon' manejado com dosséis de 60 cm, 80 cm, 100 cm e 120 cm, na safra 2016/17

4 | DISCUSSÃO

A altura do dossel vegetativo é amplamente conhecida como uma variável importante no manejo de vinhedos, por afetar produtividade e qualidade da uva e do vinho (BORGHEZAN et al., 2011; MIELE, 2010; MIELE; MANDELLI, 2012; MOTA, 2010, SANTOS, 2006). Vários trabalhos científicos abordam essa temática, monitorando variáveis mais

específicas, como área foliar total, taxas fotossintéticas, fluxos de carbono, dentre outras, todas com o intuito de se chegar a um parâmetro tecnológico, que é a altura de dossel. De modo geral, alturas de dosséis com 100 cm a 120 cm são amplamente recomendados para vinhedos com média produtividade (KLEWER, 1981; MIELE et. al., 2003; REYNIER, 2002; SANTOS, 2006). Frente ao exposto, emitiu-se a hipótese de que com a redução da altura dos dosséis para 80 cm ou 60 cm, se poderia economizar em arames e, inclusive, em volumes de calda nos tratamentos, e mantendo boa produtividade e qualidade da uva e do vinho.

A produtividade não foi afetada pela altura do dossel, mantendo-se entre 4,16 kg a 5,11 kg por planta, e 11,5 a 14,5 t.ha⁻¹. Esse achado é relevante, tendo em vista que, se não há variações estatísticas de produtividade em função da altura do dossel, pode-se economizar na implantação do vinhedo, modificando a estrutura de sustentação, reduzindo, em média 6600 m a 13200 m por hectare de arame, além da redução de volume de soluções de fungicida a serem utilizadas, em média 40% a menos num dossel com 60 cm em relação a um dossel com 120 cm.

Em relação ao Índice de Ravaz, efetivamente confirmou-se o esperado, ou seja, maiores valores no vinhedo em que o dossel foi mantido em 60 cm (5,5), por conta do desponte realizado, resultando em menor massa de sarmentos por planta. No tratamento em que se manteve o dossel em 120 cm, o índice de Ravaz foi de (3,04), coerente com o fato de se ter deixado os ramos com maior comprimento. Esses valores podem ser considerados bons, tendo em vista que valores entre 4 e 7 (BRIGHENTI et. al., 2011; FICAGNA et. al., 2008; YUSTE, 2005; MOTA et.al., 2010), indicam bom equilíbrio entre a parte vegetativa e a de produção.

Como se trata de uva para produção de vinhos, a característica físico-química básica do mosto é importante (GUERRA, 2002; RIZZON; ZANUS; MANFREDINI, 1996). Assim, esperava-se que além de maior produtividade, os dosséis maiores (100 cm e 120 cm) proporcionassem maior aporte de fotoassimilados, e resultasse em maior produtividade e maior acúmulo de açúcares. Isso foi parcialmente verdadeiro. Não houve contribuição do aumento da altura do dossel no aumento da produtividade (como mencionado anteriormente), mas houve incremento nos sólidos solúveis totais (°Brix) e maior acúmulo de açúcares redutores nas uvas do vinhedo com dossel de 120 cm (Tabela 2). Esse resultado vai ao encontro daqueles obtidos por Borghezán et. al., (2010) onde a redução excessiva da área foliar (<1,0 m² de área foliar/kg de uva) limitou a acumulação de açúcares nas bagas. Embora no presente trabalho não se tenha mensurado diretamente a área foliar, a definição de 120 cm de altura de dossel, com dois cordões esporonados de aproximadamente 60 cm, com 24 a 28 ramos por planta, com a característica fenológica da cultivar Cabernet Sauvignon, clone R8, e com produtividade média geral de 4,85 kg por planta, se tem uma relação de área foliar/kg de uva de aproximadamente, 1,42 m².

Pelas características gerais do mosto, era esperado que o vinho produzido a partir

das uvas do vinhedo com maior dossel (120 cm), tivesse maior teor de álcool, tendo em vista serem as uvas com maiores teores de sólidos solúveis totais (°Brix) e maior teor de açúcares redutores (Tabela 2). Isso ocorreu, produzindo vinhos com 11,43% (v/v) de álcool. Apesar dos mostos terem pHs distintos em função da altura do dossel, após a vinificação todos os vinhos equilibraram-se em valores similares nessa variável, entre 3,47 e 3,55 (Tabela 3). Esse comportamento é coerente com o fato de que, no processo de vinificação e estabilização do vinho, se tenha estabilização do pH, mesmo com diferenças iniciais mensuradas no mosto (RIBEREAU-GAYON et al, 2003). Afora isso, os valores obtidos entre 3,63 e 3,66 são adequados para vinhos dessa cultivar, com um ano pós vinificação. No entanto, salienta-se que, especialmente na Região da Campanha Gaúcha, tem-se detectado elevados teores de potássio nas uvas e vinhos, sobretudo na cultivar Cabernet Sauvignon, resultado em elevação do pH, tanto no mosto, quanto nos vinhos (3,92 a 4,18) (ZOCCHÉ, 2017). Isso não foi observado nesse trabalho, tendo em vista que a colheita foi feita com uvas em estágio de maturação menos avançado do que nos trabalhos de Zocche (2017).

Como o vinho produzido com as uvas de vinhedo com 120 cm de dossel tiveram maior teor de álcool, era esperado que também tivessem maior teor de glicerol. Isso foi confirmado, ou seja, os vinhos produzidos com uvas do vinhedo com 120 cm de dossel tiveram 8,1 g.L⁻¹ de glicerol, enquanto aqueles de uvas de vinhedo com de 60 cm apresentaram o menor valor (7,5 g.L⁻¹). O glicerol é um composto secundário produzido pelas leveduras na fermentação alcoólica e, em média, são formados 8 a 15g a cada 100g de etanol sintetizado (BRUMM; HEBEDA, 1988; MENEGUZZO, 2006; OURA, 1977).

Considerando que as uvas do vinhedo com dossel de 120 cm apresentaram uma maturação tecnológica mais evoluída, também era esperado que se tivessem maiores teores de antocianinas, e menores teores de taninos e alterações nos índices de etanol, HCl e de gelatina, e/ou do IPT. O maior teor de antocianinas foi confirmado, assim como um maior índice IPT (Tabela 3), o que é coerente com o fato de condições que favoreçam a síntese de açúcares, dentro de certos limites, também contribuem para o incremento desses pigmentos, com é o caso dos trabalhos de Brighenti et. al., (2010) e Fregoni (1998). Mas, o teor de taninos, assim como os demais índices estudados, não foi afetado pela altura do dossel. Esses índices que estimam a percentagem taninos ligados com polissacarídeos (índice de etanol entre 61% e 91%), a percentagem taninos com grande grau de polimerização (índice de HCl, 3,4% e 8,0%), e o nível de reação dos taninos com proteínas (índice de gelatina, 73% e 55%), não diferiram entre os tratamentos, indicando que os vinhos provavelmente expressem a mesma característica sensorial frente ao quesito adstringência e estrutura (análise não realizada nesse trabalho). Em outro trabalho com vinhos Cabernet Sauvignon tem esses índices com valores de (índice de etanol entre 8% e 24%), (índice de HCl, 17% e 21%), (índice de gelatina, 40% e 54%) (GABBARDO, 2009).

O tratamento com restrição mais severa da altura do dossel vegetativo (60 cm) teve

menor intensidade de cor (0,57) e a maior tonalidade (1,00). Isso indica que os vinhos produzidos com uvas desse vinhedo, além da menor intensidade de coloração, provavelmente pelo menor teor de antocianinas, também tiveram maior alterações na pigmentação, tendo em vista que a relação DO 420 nm/520 nm indicou aumento da coloração amarelada em relação à avermelhada. Em relação à identificação e quantificação das antocianinas individuais (Tabela 4), foi confirmado que as principais antocianinas do vinho da cultivar Cabernet Sauvignon são malvidina 3-O-glicosídeo e malvidina 3-O-acetilglicosídeo (WANG et. al., 2003). Do ponto de vista quantitativo, se confirmou o esperado, ou seja, o vinho com maior intensidade de cor também teve maior concentração de antocianinas totais e das individuais majoritárias.

Assim, considerando-se o conjunto de resultados obtidos, pode-se observar que a produtividade técnica/agronômica não é afetada pela altura do dossel. Mas, quando se considera o fato de que essa uva será destinada à produção de vinhos, nesse caso, vinhos jovens, esse manejo do dossel (120 cm) interferiu na composição do vinho, especialmente em duas características: 1) uvas com maior teor de açúcares e vinhos com maior teor de álcool e de glicerol; e, 2) uvas com maior teor de antocianinas, refletindo em vinho com maior concentração desses compostos, maior coloração e maior IPT.

5 | CONCLUSÃO

A produtividade de uva, não é afetada pela altura do dossel (de 60 cm a 120 cm), mas o tratamento com o dossel com 120 cm altura foi o que mais agregou qualidade as propriedades físico-químicas na uva e, conseqüentemente, do vinho, especialmente por ter acumulado maiores teores sólidos solúveis totais e açúcares redutores no mosto, gerando vinhos com maiores valores de teor alcoólico, antocianinas totais, IPT, intensidade de cor e menor tonalidade. O perfil qualitativo das principais antocianinas do vinho Cabernet Sauvignon foi afetado pela altura do dossel vegetativo.

AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Adair Camponogara, pela parceria e incentivo à pesquisa, colocando à disposição o Vinhedo Comercial para a instalação desse experimento.

REFERÊNCIAS

BORGHEZAN, Marcelo et al. Comportamento ecofisiológico da videira (*Vitis vinifera* L.) cultivada em São Joaquim, Santa Catarina: área foliar, crescimento vegetativo, composição da uva e qualidade sensorial dos vinhos. **Programa de Pós – Graduação, Centro de Ciências Agrárias**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94071>> Acesso em: 05 jul. 2022.

BORGHEZAN, Marcelo et al. Efeito da área foliar sobre a composição da uva e a qualidade sensorial dos vinhos da variedade Merlot (*Vitis vinifera* L.) cultivada em São Joaquim, SC, Brasil. **Ciência e Técnica Vitivinícola**, v. 26, n. 1, p. 1-9, 2011.

BRIGHENTI, Alberto Fontanella et al. Desempenho vitivinícola da Cabernet Sauvignon sobre diferentes porta-enxertos em região de altitude de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 33, n. 1, p. 096-102, 2011.

BRIGHENTI, ALBERTO FONTANELLA et al. Desponte dos ramos da videira e seu efeito na qualidade dos frutos de 'Merlot' sobre os porta-enxertos 'Paulsen 1103' e 'Couderc 3309'. **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 32, p. 19-26, 2010.

BRUMM, P.J. & HEBEDA, R.E. Glycerol production in industrial alcohol fermentations. **Biotechnology Letters, Surrey**, 10 (9): 677-82, 1988.

DA SILVA, Leonardo Cury et al. Raleio de cachos em vinhedos de altitude e qualidade do vinho da cultivar Syrah. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 44, n. 2, p. 148-154, 2010.

DEBON A. A Vindima “Campanha Gaúcha se consagra no cultivo de uvas e elaboração de vinhos.” Disponível em: <http://www.avindima.com.br/?p=7226> Acesso em: 05 jul. 2022.

EMBRAPA. Ciência ajuda vinho da Campanha Gaúcha a conquistar Indicação Geográfica. Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias/-/noticia/52668635/ciencia-ajuda-vinho-da-campanha-gaucha-a-conquistar-indicacao-geografica>. Acesso em: 05 jul. 2022.

FICAGNA, Paulo Ricardo et al. Efeito do manejo do dossel vegetativo na qualidade da uva Merlot produzida na Serra Catarinense. Programa de Pós-Graduação. Lages-SC 2008. 98p. Disponível em: <http://tede.udesc.br/handle/handle/1095> Acessado em: Acesso em: 05 jul. 2022.

FREGONI, M. Viticoltura di qualità. **Verona: Edizional'Informatore Agrário**, 1998. 707p.

FREGONI, M. Viticulture generale: compendiodidattici e scientifici. Roma: Reda, 1987. 728 p.

GABBARDO, M. **Borras finas e manoproteínas na maturação de vinho tinto cabernet sauvignon**. 2009. 62f. **Dissertação (Mestrado)** – Programa de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia Agroindustrial. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp128271.pdf> Acesso em: 05 jul. 2022.

GUERRA, Celito Crivellaro. Maturação da uva e condução da vinificação para a elaboração de vinhos finos. In: **Embrapa Uva e Vinho-Artigo em anais de congresso (ALICE)**. Viticultura e Enologia: atualizando conceitos. Caldas: EPAMIG, 2002, 2002.

GUIDONI, S.; SCHUBERT, A. Influenza del diradamento dei grappoli e dell' defogliazione sul profilo antocianico diacini di *Vitis vinifera* cv. Nebbiolo. **Frutticoltura**, v. 63, n. 12, p. 75-81, 2001.

KLIEWER, W. Mark. Grapevine physiology: how does a grapevine make sugar? **Leaflet-University of California, Cooperative Extension Service (USA)**, 1981.

LAVIN, A.; PARDO, M., C. Épocas de deshoje y susefectos sobre la composición química de mostos y composición química y calidad sensorial de los vinos de los cv. Chardonnay y Cabernet Sauvignon, en el área de cauquenes. **Agricultura Técnica**, v.61, n.2, p.129-139. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-28072001000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 jul. 2022.

LEEUWEN, V. Cornelis; SEGUIN, Gerard. The concept of terroir in viticulture. **Journal of Wine Research**, v. 17, n. 1, p. 1-10, 2006.

MANDELLI, Francisco et al. Efeito da poda verde na composição físico-química do mosto da uva Merlot. **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 30, n. 3, p. 667-674, 2008.

MENEGUZZO, Julio et al. Effect of Botrytis cinerea on the composition of Gewürztraminer wine. **Food Science and Technology**, v. 26, n. 3, p. 527-532, 2006.

MIELE, A. et al. **Uvas** viníferas para processamento em regiões de clima temperado. **Embrapa Uva e Vinho**, 2003.

MIELE, ALBERTO; MANDELLI, FRANCISCO. Manejo do dossel vegetativo e seu efeito nos componentes de produção da videira Merlot. **Embrapa Uva e Vinho-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2012.

MIELE, Alberto; RIZZON, Luiz Antenor; MANDELLI, Francisco. Manejo do dossel vegetativo da videira e seu efeito na composição do vinho Merlot. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 44, n. 5, p. 463-470, 2010.

MORENO, J.A. Clima do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: **Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul**, 1961. 42p. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/view/3236/3310> Acesso em: 05 jul. 2022.

MOTA, Renata Vieira da et al. Biochemical and agronomical responses of grapevines to alteration of source-sink ratio by cluster thinning and shoot trimming. **Bragantia**, v. 69, n. 1, p. 17-25, 2010.

NACHTIGAL, J. C.; ROBERTO, S. F.. Sistema de Produção de Uva de Mesa no Norte do Paraná. **Embrapa uva e vinho sistema de produção**, 10 ISSN 1678-8761. Versão eletrônica Des. 2005.

OURA, E. Reaction products of yeast fermentations. *Process Biochemistry*, London, 12: 19-21, 35, 1977.

PETERSON, Jeffrey R.; SMART, Richard E. Foliage removal effects on 'Shiraz' grapevines. **American Journal of Enology and Viticulture**, v. 26, n. 3, p. 119-124, 1975.

PÖTTER, Gabriela Hermann et al. Desfolha parcial em videiras e seus efeitos em uvas e vinhos Cabernet Sauvignon da região da Campanha do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência Rural**, v. 40, n. 9, 2010.

REYNIER, Alain. **Manual de viticultura: guia técnica de viticultura**. Mundi-Prensa Libros, 2002.

RIBERAU-GAYON, P.; Glories, I.; Maujean, A. Tratado de enología: Química Del vino estabilización y tratamientos. 1ª, **Ed. Buenos Aires: Hemisfério Sur**, 2003. 554 p.

RIZZON, Luiz Antenor; ZANUS, Mauro Celso; MANFREDINI, Sadi. Como elaborar vinho de qualidade na pequena propriedade. **Embrapa Uva e Vinho-Documents (INFOTECA-E)**, 1996.

SANTOS, H.P. dos. Aspectos ecofisiológicos na condução da videira e sua influência na produtividade do vinhedo e na qualidade dos vinhos. Bento Gonçalves: **Embrapa Uva e Vinho**, 2006. 9p.

SMART, Richard E. Principles of grapevine canopy microclimate manipulation with implications for yield and quality. A review. **American Journal of Enology and Viticulture**, v. 36, n. 3, p. 230-239, 1985.

SMART, Richard et al. **Sunlight into wine: a handbook for wine grape canopy management**. Winetitles, 1991. 88p.

STRECK, E.V. et al. Solos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: **EMATER/RS; UFRGS**, 2002. 222p. Disponível em: <<http://www.sidalc.net/cgi-bin/wxis.exe/?IsisScript=INIA.xis&method=post&formato=2&cantidad=1&expresion=mfn=031722>> Acesso em: 05 jul. 2022.

WANG, Haibo; RACE, Edward J.; SHRIKHANDE, Anil J. Anthocyanin transformation in Cabernet Sauvignon wine during aging. **Journal of agricultural and food chemistry**, v. 51, n. 27, p. 7989-7994, 2003.

YUSTE, D.J. Factores de desequilibrio de lavid: alternativas para el manejo eficaz del potencial vegetativo hacia equilibrio del viñedo. In: **Control del vigor y del rendimiento en el marco de una viticultura de calidad**, 1., 2005, La Rioja. **Anais...** La Rioja: APROVI, 2005.

ZAMORRA, F. Elaboración y crianza del vino tinto: aspectos científicos y prácticos. **1. Ed. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa**, 2003. 225p.

ZOCHE, Renata Gimenez Sampaio et al. Wines produced with 'Cabernet Sauvignon' grapes from the region of Bagé in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. Pesquisa **Agropecuária Brasileira**, v. 52, n. 5, p. 311-318, 2017.

INFLUÊNCIA DA CEPA DE LEVEDURA NA COLORAÇÃO DE VINHO MERLOT/TANNAT TERMOVINIFICADO E SUA RELAÇÃO COM A ADSORÇÃO DE PIGMENTOS

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 21/07/2022

Gabriel Carissimi

Laboratório de Enologia e Microbiologia Aplicada, Instituto de Biotecnologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul e G. Carissimi Prestadora de Serviços Ltda., Garibaldi
<http://lattes.cnpq.br/9121246498866239>

Fernanda Knaach Sandri

Laboratório de Enologia e Microbiologia Aplicada, Instituto de Biotecnologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul
<http://lattes.cnpq.br/2945650765506736>

Fernando Joel Scariot

Laboratório de Enologia e Microbiologia Aplicada, Instituto de Biotecnologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul
<http://lattes.cnpq.br/4847799778738260>

Ana Paula Longaray Delamare

Laboratório de Enologia e Microbiologia Aplicada, Instituto de Biotecnologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul
<http://lattes.cnpq.br/2612829295648932>

Sergio Echeverrigaray

Laboratório de Enologia e Microbiologia Aplicada, Instituto de Biotecnologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul
<http://lattes.cnpq.br/5630031784004533>

RESUMO: As leveduras que participam na fermentação vínica realizam um amplo conjunto de transformações bioquímicas determinando as características do produto final. Assim, as características dos vinhos podem variar significativamente de acordo com a cepa de levedura empregada. Neste contexto, no presente trabalho foi avaliada a influência de oito cepas de *S. cerevisiae* na coloração de vinhos termovinificados e sua relação com a adsorção de pigmentos pelas leveduras. No experimento foi utilizado mosto obtido por termovinificação (Flash-Détente) com uvas Merlot/Tannat (4:1) e oito cepas de leveduras: duas leveduras comerciais, um isolado nativo e cinco híbridos. As leveduras foram inoculadas no mosto (10^6 células/ml), e as fermentações (800 mL) foram conduzidas a 22°C e acompanhadas pela densidade. As análises básicas e de cor seguiram metodologias oficiais ou convencionais, e a adsorção de pigmentos foi realizada através de análise digital de coloração das leveduras. Todas as cepas completaram a fermentação em 10 dias, resultando em vinhos com <1,2 g/L AR, 72 a 85 meq/L AT, 9,7 a 10,6 % (v/v) etanol. A densidade de cor e tonalidade dos vinhos, assim como a concentração de fenóis, flavonas, antocianinas totais, livres e polimerizadas variou significativamente dependendo da levedura empregada. As leveduras com maior adsorção de pigmentos originaram os vinhos com menor coloração, concentração de antocianinas totais, livres e polimerizadas dos vinhos, mas não foi detectada correlação entre adsorção, tonalidade, fenóis e flavonas. Os dados indicam que a seleção e melhoramento de leveduras com baixa

capacidade de adsorção de antocianinas pode ser uma ferramenta útil para aumentar a coloração de vinhos tintos.

PALAVRAS-CHAVE: *S. cerevisiae*, cor do vinho, melhoramento, antocianinas.

INFLUENCE OF YEAST STRAINS ON THE COLOR OF THERMOVINIFIED MERLOT/TANNAT WINE AND ITS RELATIONSHIP WITH THE ADSORPTION OF PIGMENTS

ABSTRACT: The yeasts that participate in wine fermentation carry out a wide range of biochemical transformations that determine the characteristics of the final product. Thus, the characteristics of wines can vary significantly according to the strain of yeast used. In this context, the present work evaluated the influence of eight strains of *S. cerevisiae* on the color of thermovinified wines and their relationship with the adsorption of pigments by yeasts. In the experiment, musts obtained by thermovinification (Flash-Détente) with Merlot/Tannat grapes (4:1) and eight yeast strains were used: two commercial yeasts, one native isolate and five hybrids. Yeasts were inoculated into the must (10^6 cells/ml), and fermentations (800 ml) were carried out at 22°C and monitored for density. The basic and color analyzes followed official or conventional methodologies, and the adsorption of pigments was performed through digital analysis of yeast staining. All strains completed fermentation in 10 days, resulting in wines with <1.2 g/L AR, 72 to 85 meq/L AT, 9.7 to 10.6 % (v/v) ethanol. The color and tone density of the wines, as well as the concentration of phenols, flavones, total, free and polymerized anthocyanins varied significantly depending on the yeast used. Yeasts with higher adsorption of pigments originated wines with lower color, concentration of total, free and polymerized anthocyanins in the wines, but no correlation was detected between adsorption, tone, phenols and flavones. The data indicate that the selection and breeding of yeasts with low anthocyanin adsorption capacity can be a useful tool to increase the color of red wines.

KEYWORDS: *S. cerevisiae*, wine color, breeding, antocianins.

1 | INTRODUÇÃO

O processo tradicional de produção de vinhos tintos envolve desengace e esmagamento, maceração com fermentação alcoólica simultânea envolvendo sistemas variados de remontagem, drenagem e prensagem, fermentação malolática, trasfegas, envelhecimento e engarrafamento. Uma das etapas mais características e relevantes no processo de vinificação em tintos é a maceração. A maceração é definida como os estágios pós-esmagamento nos quais as cascas das uvas são mantidas em contato com o mosto durante a vinificação, visando a extração de cor, taninos, aromas, entre outros compostos que determinam, em última instância, as características organolépticas do produto final. Cabe ressaltar que o tempo de contato com as cascas determina a extração de aromas varietais (RIBEREAU-GAYON et al., 2006).

Ribereau-Gayon et al. (2006) aponta três métodos alternativos para vinificação automatizada em tintos, desenvolvidos para resolver pelo menos parcialmente os problemas

de maceração/extração, entre eles: (1) a vinificação contínua, (2) a termovinificação, e (3) a maceração carbônica. Dentre estas, a termovinificação tem apresentado maior desenvolvimento tecnológico e vem sendo aplicada em vinícolas da Europa e de outras regiões do mundo, entre as quais o Brasil (CUEVAS-VALENZUELA; GONZALEZ, 2017; NTULI et al., 2021; SILVA et al., 2019; entre outros).

A termovinificação ou termomaceração é um processo relativamente antigo com referências já no século XVIII, mas que passou a ser difundido a partir da década de 1970 com o surgimento de novas tecnologias (MAZA et al., 2019). Por definição a termovinificação envolve a extração do mosto a temperaturas elevadas (60 a 80°C) seguido de vinificação na presença ou ausência de cascas (RIBEREAU-GAYON et al., 2006). Apesar de antiga, a técnica de termovinificação continua em desenvolvimento. Atualmente, a técnica mais utilizada envolve desengace e esmagamento seguido de rápido aumento de temperatura (>80°C) em trocador contínuo com resfriamento rápido a ~30°C em sistema de alto vácuo, conhecida como *Flash-Détente* (MAZA; ÁLVAREZ; RASO, 2019; NORDESTGAARD, 2017;). Esta técnica permite o processamento contínuo e automatizado de volumes elevados, sendo adequada para vinícolas grandes.

A termovinificação ou termomaceração levam a modificações na composição dos mostos e conseqüentemente dos vinhos já que a temperatura e o tempo de exposição das cascas alteram a extração, solubilização, evaporação e inclusive estrutura de moléculas no sistema.

De um modo geral, a utilização da termovinificação apresenta quatro justificativas: (1) o aumento da extração de polifenóis (antocianinas, taninos, entre outros); (2) a degradação de enzimas oxidativas (polifenol oxidases e lacases); (3) a redução da concentração de pirazinas; (4) a otimização do uso das instalações das cantinas (MAZA; ÁLVAREZ; RASO, 2019; NORDESTGAARD, 2017; NTULI et al., 2021), sendo assim, particularmente interessante na obtenção de mostos a partir de uvas de maturação desuniforme e/ou danificadas ou doentes. Por outro lado, os mostos obtidos por termovinificação apresentam redução das características varietais (MAZA et al., 2019), e conseqüentemente, os vinhos produzidos a partir deles expressam de forma mais evidente as características organolépticas oriundas do processo fermentativo. Apesar de alta eficiência de extração de pigmentos, uma das limitações atribuídas a termovinificação é a instabilidade da cor dos vinhos durante o envelhecimento (MAZA; ÁLVAREZ; RASO, 2019), particularmente no caso de mostos obtidos com *Flash-Détente* (NTULI et al., 2021).

Diversos trabalhos mostram que as leveduras (*Saccharomyces* e/ou não-*Saccharomyces*) que participam no processo de fermentação vínica afetam a coloração dos vinhos tintos através da adsorção de pigmentos e/ou a modificação das antocianinas pela ação de enzimas, produção ou degradação de cofatores de polimerização (CARIDI et al., 2007; ECHEVERRIGARAY et al., 2019, 2020; LOPEZ-TOLEDANO et al., 2004; MANZANARES et al., 2000; MORATA et al., 2003, 2006; RIZZON et al., 1999; VASSEROT;

CAILLET; MAUJEAN, 1997).

Desta forma, já é conhecida a contribuição das distintas cepas de leveduras no aroma, sabor, cor e outras características do vinho, sendo particularmente importantes em vinhos termovinificados. Neste contexto, o presente trabalho teve por objetivo avaliar o efeito de diferentes cepas de leveduras na coloração e parâmetros de cor de vinhos obtidos a partir de mosto (Merlot/Tannat) produzido por termovinificação industrial (Flash-Détente), assim como a adsorção de pigmentos (antocianinas) pelas distintas cepas de *S. cerevisiae*.

2 | MATERIAL E MÉTODOS

Cepas de leveduras, manutenção e multiplicação

No presente trabalho foram empregadas oito cepas de leveduras (*Saccharomyces cerevisiae*), sendo duas cepas comerciais, um isolado floculante e cinco híbridos obtidos e selecionados no Laboratório de Microbiologia Aplicada do Instituto de Biotecnologia.

- (1) Y904 – cepa comercial Mauriferm.
- (2) Zymaflore X5 – cepa comercial Laffort.
- (3) IF2 – isolado floculante (safra 2012) de uvas da região serrana do Rio Grande do Sul.
- (4) QA6A x CE2B – híbrido de segregantes de QA23 (Lallemand) e Cross Evolution (Lallemand).
- (5) CE2B x CE3C – híbrido de dois segregantes selecionados de Cross Evolution (Lallemand).
- (6) PDM5A x Y2C – híbrido de segregante de Prise de Mousse (Maurivin) e de Y904 (Mauriferm).
- (7) Y2B x QA2C – híbrido de segregante de Y904 (Mauriferm) e de QA23 (Lallemand).
- (8) 9B x 1L – híbrido de segregante de EC1118 (Lallemand) e de 71B (Lallemand).

Os híbridos foram obtidos pelo cruzamento de segregantes selecionados e escolhidos com base na tolerância ao etanol, capacidade e velocidade fermentativa, baixa produção de gás sulfídrico, caráter killer e produção de aromas fermentativos desejáveis.

As leveduras foram mantidas em meio YEPD (2% glicose, 2% peptona e 1% extrato de levedura) solidificado com 2% de ágar. A multiplicação das leveduras para inoculação nas fermentações foi realizada em YEPD a 28°C por 48 h. Após crescimento as leveduras foram centrifugadas, lavadas com salina (NaCl 0,9%) e a população determinada por contagem microscópica. As leveduras foram ressuspensas em mosto diluído (1:4) de forma a obter uma concentração de 1×10^9 células/ml e incubadas por 1 hora. Esta suspensão de leveduras foi utilizada como inóculo das fermentações na proporção de aproximadamente 1:1000 de forma a iniciar as fermentações com 1×10^6 células/ml.

CAPÍTULO 3

SELEÇÃO E AVALIAÇÃO DE LEVEDURAS DO GÊNERO *Issatchenkia* COM POTENCIAL ENOLÓGICO PARA DEGRADAÇÃO DE ÁCIDO L-MÁLICO

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 26/07/2022

Ana Paula Longaray Delamare

Laboratório de Enologia e Microbiologia
Aplicada, Instituto de Biotecnologia,
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul – RS
<http://lattes.cnpq.br/2612829295648932>

Luisa Vivian Schwarz

Laboratório de Enologia e Microbiologia
Aplicada, Instituto de Biotecnologia,
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul – RS
<http://lattes.cnpq.br/917636177060133>

Angela Rossi Marcon

Enologia, Universidade Federal do Pampa
Dom Pedrito – RS
<http://lattes.cnpq.br/5908518253142340>

Fernando Joel Scariot

Laboratório de Enologia e Microbiologia
Aplicada, Instituto de Biotecnologia,
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul – RS
<http://lattes.cnpq.br/4847799778738260>

Fernanda Knaach Sandri

Laboratório de Enologia e Microbiologia
Aplicada, Instituto de Biotecnologia,
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul – RS
<http://lattes.cnpq.br/2945650765506736>

Sergio Echeverrigaray

Laboratório de Enologia e Microbiologia
Aplicada, Instituto de Biotecnologia,
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul – RS
<http://lattes.cnpq.br/5630031784004533>

RESUMO: Os mostos e os vinhos, principalmente provenientes de zonas vitícolas frias ou com maturação incompleta, tendem a apresentar uma acidez málica elevada. A alta acidez málica é indesejável, pois aumenta a sensação de acidez nos vinhos. Tradicionalmente, a acidez málica é reduzida através da fermentação malolática bacteriana. No entanto, isso nem sempre é eficiente e muitas vezes pode levar à produção de compostos indesejáveis. Nesse contexto, leveduras capazes de realizar fermentação maloalcoólica têm sido objeto de estudo. Portanto, o presente trabalho teve como objetivo selecionar leveduras do gênero *Issachenkia* isoladas de vinhedos da Serra Gaúcha (Brasil) capazes de degradar o ácido L-málico. Vinte e um isolados *Issachenkia* spp. foram inicialmente avaliados quanto às características enológicas básicas e degradação do ácido málico, e um isolado IP-3 de *I. terricola* foi selecionado. Com este isolado, as fermentações foram realizadas em mosto sintético com inoculação de *I. terricola* IP-3, *Saccharomyces cerevisiae* EC1118, co-inoculação e inoculação sequencial de IP-3 e EC1118. A fermentação com IP-3 não foi concluída, obtendo-se baixa produção de etanol, mas 100% de degradação do ácido L-málico. Por outro lado, as co-fermentações e fermentações

sequenciais atingiram teores alcoólicos >10% e apresentaram redução significativa da acidez málica (>80%). A eficiência de redução da acidez málica foi confirmada em fermentações de mosto vínico (Chardonnay com 3,22 g.L⁻¹ ácido málico) no qual a inoculação sequencial IP-3/EC1118, finalizou as fermentações com teores alcoólicos >9,0% (v/v), menos de 1 g.L⁻¹ de açúcares residuais, baixa acidez volátil, acidez total reduzida e, principalmente, 67,7% de degradação málica. De modo geral, os resultados mostram o potencial do IP-3 para reduzir a acidez málica em fermentações de vinho, quer em co-fermentação quer em fermentações sequenciais com *S. cerevisiae*.

PALAVRAS-CHAVE: Fermentação, não-Saccharomyces, ácido málico, glicerol/etanol.

SELECTION AND EVALUATION OF *Issatchenkia* YEASTS WITH ENOLOGICAL POTENTIAL FOR L-MALIC ACID DEGRADATION

ABSTRACT: Musts and wines, mainly from cold wine-growing areas or with incomplete maturation, tend to have high malic acidity. High malic acidity is undesirable as it increases the sensation of acidity in wines. Traditionally, malic acidity is reduced through bacterial malolactic fermentation. However, this is not always efficient and can often lead to the production of undesirable compounds. In this context, yeasts capable of carrying out malo-alcoholic fermentation have been the object of study. Therefore, the present work aimed to select yeasts of the genus *Issachenkia* isolated from vineyards in Serra Gaúcha (Brazil) capable of degrading L-malic acid. Twenty-one *Issachenkia* spp. were initially evaluated for basic oenological characteristics and malic acid degradation, and an IP-3 isolate of *I. terricola* was selected. With this isolate, fermentations were carried out in synthetic must with inoculation of *I. terricola* IP-3, *Saccharomyces cerevisiae* EC1118, co-inoculation and sequential inoculation of IP-3 and EC1118. The fermentation with IP-3 was not completed, obtaining low ethanol production, but 100% degradation of L-malic acid. On the other hand, co- and sequential fermentations reached alcohol levels >10%, and exhibited a significant reduction in malic acidity (>80%). The efficiency of malic acidity reduction was confirmed in fermentations of wine must (Chardonnay with 3.22 g.L⁻¹ malic acid) in which the sequential inoculation IP-3/EC1118 finished the fermentations with alcohol levels >9.0% (v/v), less than 1 g.L⁻¹ of residual sugars, low volatile acidity, reduced total acidity, and particularly, 67.7% malic degradation. Overall, the results show the potential of IP-3 to reduce malic acidity in wine fermentations, either in co-fermentation or in sequence fermentations with *S. cerevisiae*.

KEYWORDS: Fermentation, non-Saccharomyces, malic acid, glycerol/ethanol.

INTRODUÇÃO

A fermentação alcoólica do mosto de uva é um processo complexo realizado por leveduras enológicas que, em essência, envolve a conversão bioquímica de açúcares em etanol e dióxido de carbono, e ao mesmo tempo em que essa reação geral ocorre, muitos outros processos bioquímicos, químicos e físico-químicos ocorrem, tornando possível transformar o mosto de uva em vinho (MORENO-ARRIBAS; POLO, 2009).

A produção de vinhos de boa qualidade requer o ajuste da acidez em relação aos outros componentes do vinho para criar um produto equilibrado (SAAYMAN; VILJOEN-

BLOOM, 2006). Após a fermentação alcoólica, o vinho resultante pode sofrer a fermentação malolática espontânea ou induzida. Esta fermentação consiste na descarboxilação bacteriana do ácido málico formando ácido láctico e liberando gás carbônico (ALEXANDRE et al., 2004). O ácido málico é um dos ácidos orgânicos mais abundantes, juntamente com o ácido tartárico, encontrado em uvas e pode ser prejudicial para a qualidade final do vinho (VOLSCHENK et al., 2001). Este composto contribui para o gosto ácido em vinhos e serve de substrato para bactérias lácticas contaminantes que podem causar deterioração do vinho após o engarrafamento, sendo essencial remover o excesso de ácido málico dos vinhos para assegurar a estabilidade e qualidade física, bioquímica e microbiológica dos mesmos (DELCOURT et al., 1995; PRETORIUS, 2000).

Os principais microrganismos envolvidos na fermentação malolática são as bactérias lácticas como *Oenococcus*, *Lactobacillus* e *Leuconostoc* (PALACIOS, 2005). Este processo é indispensável em vinhos de regiões frias onde a uva, por não atingir a maturação ideal, apresenta alta acidez. Porém, algumas bactérias lácticas podem causar aumento excessivo de ácido acético, bem como outros aromas desagradáveis, como metálico, terroso, amargo, entre outros (KRIEGER, 2005; MORENO-ARRIBAS; POLO 2005; PALACIOS, 2005).

Embora *Saccharomyces cerevisiae* seja principal microrganismo envolvido na fermentação alcoólica, a produção de vinho é um processo não estéril, sendo que muitas outras espécies de leveduras pertencentes a vários gêneros não-*Saccharomyces* ocorrem no mosto de uva (FLEET, 2008). Cada vez mais, se tem verificado que as estirpes de não-*Saccharomyces* contribuem positivamente para o processo de vinificação, pois possuem algumas características enológicas específicas ausentes em *S. cerevisiae* e que podem contribuir positivamente para aumento da complexidade e qualidade dos vinhos (JOLLY et al., 2003; VIANA et al., 2008; COMITINI et al., 2011; DOMIZIO et al., 2011).

Trabalhos realizados com *Issatchenkia orientalis*, isolada de videiras coreanas, mostrou a capacidade desta levedura de degradar ácido málico rapidamente em meio contendo ácido málico como única fonte de carbono e em co-inoculações com *S. cerevisiae* em mosto vínico (SEO et al., 2007; KIM et al., 2008). Várias estirpes de leveduras têm sido investigadas como uma alternativa para a degradação do ácido málico em vinhos, sendo a mais conhecida *Schizosaccharomyces pombe* (SNOW; GALLENDER, 1979; RODRIGUEZ; THORNTON, 1990). De um modo geral as leveduras capazes de reduzir a acidez málica realizam fermentações malto-alcoólicas (ácido málico para etanol), resultando assim numa redução mais aguda da acidez em vinhos (RODRIGUEZ; THORNTON, 1990; RODRIGUEZ; THORNTON, 1990; SEO et al., 2007). *Issatchenia terricola* é uma levedura que fermenta apenas glicose, pode assimilar glicose, etanol, glicerol e succinato (KURTZMAN e FELL, 1998) e é frequentemente encontrada em vinhedos da Serra Gaúcha (ROCHA et al., 2022). Desta forma, o objetivo deste trabalho foi selecionar e avaliar isolados de *I. terricola* obtidos de uvas de distintas variedades de *V. vinifera* e *V. labrusca* da região serrana do Rio Grande do Sul, com potencial enológico para a degradação de ácido L-málico.

MATERIAL E MÉTODOS

Seleção de leveduras para a degradação de ácido L- málico

Vinte e uma leveduras do gênero *Issatchenkia* foram previamente isoladas de diferentes vinhedos da Serra Gaúcha (Brasil). Estes isolados foram selecionados quanto à tolerância a etanol, produção de gás sulfídrico, e crescimento e degradação de ácido L-málico. A tolerância ao etanol (0 a 16% v/v) foi avaliada pelo crescimento (48h – 28°C) em meio Yeast Extract-Peptone-Dextrose (YEPD) suplementado com etanol (0 a 16% v/v) de etanol (ECHEVERRIGARAY et al., 2013).

A produção de gás sulfídrico foi avaliada em meio Bismuth Glycine Glucose Yeast Agar (Biggy Agar) após 48h de crescimento a 28°C (COMITINI, CIANI, 2006), e a capacidade de crescimento (48h – 28°C) em meio Yeast Nitrogen Base (YNB) com 1% de ácido málico como única fonte de carbono. A tolerância a etanol e a utilização de ácido málico foram determinadas por análise de absorbância de 600nm.

Os isolados com os melhores resultados em crescimento foram avaliados quanto à degradação de ácido L-málico com o Kit L-Malic Acid Assay Magazyme® em meio YNB contendo 10g.L⁻¹ de ácido málico como única fonte de carbono (72h- 28°C).

Ensaio de fermentação em mosto sintético

O mosto sintético continha 240 g.L⁻¹ de Dextrose, 7 g.L⁻¹ de Ácido tartárico, 4 g.L⁻¹ de Ácido D,L – málico, 6 g.L⁻¹ de Ácido cítrico, 0,67 g.L⁻¹ de Sulfato de amônia, 0,5 g.L⁻¹ de Caseína hidrolisada, 0,67 g.L⁻¹ de Fosfato de potássio dibásico, 0,25 g.L⁻¹ de Sulfato de magnésio heptahidratado, 0,15 g.L⁻¹ de Cloreto de sódio, 0,15 g.L⁻¹ de Cloreto de cálcio, 0,21 g.L⁻¹ de Sulfato de ferro, 1 mL.L⁻¹ de solução de micronutrientes (1,5 mg.L⁻¹ de CuCl₂; 7,5 mg.L⁻¹ ZnSO₄; 1,0 mg.L⁻¹ de KI; 1,0 mg.L⁻¹ de H₃BO₃; 1,0 mg.L⁻¹ de Mo...; 0,4 mg.L⁻¹ de CoCl₂) e 0,5 g.L⁻¹ de extrato de levedura. Utilizou-se a linhagem comercial de *Saccharomyces cerevisiae* (EC1118) e o isolado nativo de *Issatchenkia terricola* IP-3. Foram realizados quatro tratamentos inoculados com: (a) EC1118 (1 x 10⁷ células. mL⁻¹), (b) IP-3 (1 x 10⁷ células. mL⁻¹), (c) sequencial- IP-3 (5 x 10⁶ células. mL⁻¹) e EC1118 (5 x 10⁶ células. mL⁻¹) após 48h, e (d) co-inoculação de ambas as leveduras (5 x 10⁶ células. mL⁻¹ de cada uma).

As fermentações foram acompanhadas pela avaliação do grau °Brix (através de densímetro digital). Para a análise de consumo de glicose foi realizada através do kit enzimático Glicose Bioliquid®, e a degradação de ácido L-málico através do kit enzimático L-Malic Acid Assay Magazyme®. Ao término da fermentação, foi realizada a determinação de etanol através de destilação (% v/v), o conteúdo de glicerol (kit enzimático Kit GPO-Trinder®). Os tratamentos e avaliações foram realizadas em triplicata.

Ensaio de fermentação em mosto vínicó

A fim de autenticar o potencial para a degradação do ácido L-málico em vinhos,

realizou-se ensaio de microfermentação (5 litros) em mosto da variedade Chardonnay, ajustado para 3,22 g.L⁻¹ de ácido L-málico. Neste ensaio foram realizados dois tratamentos: (a) apenas com a levedura comercial EC1118 (1 x 10⁷ células. mL⁻¹) e (b) inoculação inicial com *I. terricola* (5 x 10⁶ células. mL⁻¹) seguida 48 h depois por inoculação com EC1118 (5 x 10⁶ células. mL⁻¹). As fermentações foram acompanhadas através de grau °Brix (utilizando um densímetro digital) e ao término das fermentações realizaram-se as análises básicas: teor alcoólico (% v/v), acidez total (meq.L⁻¹) e acidez volátil bruta (meq.L⁻¹) pelas normas da International Organization of Vine and Wine (2006), açúcares redutores (g.L⁻¹) através do método do ácido 3,5-dinitrossalicílico (DNS) descrito por Miller (1959) e o conteúdo de ácido L-Málico (g.L⁻¹) através do kit enzimático L-Malic Acid Assay Magazyme®.

Análises estatísticas

As análises estatísticas incluíram análise de variância (ANOVA) e comparação de médias pelo teste de Tukey, realizadas com o auxílio do programa computacional IBM SPSS Statistics 20.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As leveduras isoladas foram submetidas inicialmente a um teste de tolerância a etanol, onde os isolados IO-7, BC-4 e IP-3 se destacaram por obterem um maior crescimento em uma concentração de 6% de etanol. Nenhum isolado obteve crescimento em maiores concentrações de etanol, salvo a levedura *S. cerevisiae* EC1118. Da mesma forma, os isolados de *I. terricola* exibiram alta sensibilidade ao sulfito, sendo incapazes de crescer em concentrações superiores a 40 mg.L⁻¹ de sulfito total. Quanto à produção de gás sulfídrico, todos os isolados de *I. terricola* exibiram produção de gás sulfídrico maior do que *S. cerevisiae* EC1118. Além disso, todos os isolados cresceram em meio contendo glicose e no meio contendo ácido málico como única fonte de carbono.

As leveduras da espécie *I. terricola* são particularmente prevalentes em uvas viníferas (*V. vinífera*) e comuns (*V. labrusca*) cultivadas na serra do nordeste do Rio Grande do Sul, conhecida como Serra Gaúcha (ROCHA *et al.*, 2022). Estas leveduras se caracterizam por apresentar um espectro muito limitado de fermentação (apenas glicose) e assimilação de fontes de carbono (glicose, etanol, glicerol e succinato), células ovóides a alongadas, simples ou em pares (KURTZMAN e FELL, 1998). Dados recentes mostram que mesmo isolados selecionados de *I. terricola* apresentam baixa tolerância ao etanol e ao sulfito e devem ser utilizados em co-fermentações ou fermentações sequenciais para a obtenção de vinhos (WEN *et al.*, 2019).

Com base no primeiro conjunto de resultados, quatro isolados NRU2, IO7, IP3 e IC4 foram avaliados quanto à degradação de ácido L-málico. Neste ensaio todos os isolados de *I. terricola* degradaram entre 55 e 76 % de ácido L-málico, taxa significativamente

maior do que a linhagem EC1118 de *S. cerevisiae*. Entre os isolados de *I. terricola*, IP-3 apresentou média de degradação significativamente superior aos outros isolados (Figura 1). Wen et al. (2011) mostraram que um isolado de *Issatchenkia terricola* foi capaz de degradar aproximadamente 90% do ácido L-málico e do ácido cítrico.

Com base nos resultados de degradação de ácido málico e algumas características enológicas foi selecionado o isolado IP-3 para os ensaios fermentativos. Inicialmente foram realizadas fermentações em mosto sintético. Quatro tratamentos foram incluídos: (a) EC1118, (b) IP-3, (c) sequencial- IP-3 + EC1118, e (d) co-inoculação IP-3/EC. As fermentações foram acompanhadas pela avaliação de sólidos solúveis totais (°Brix) (Figura 2.A) sendo observada uma diminuição dos sólidos solúveis totais ao longo do tempo atingindo valor zero após 15 dias na fermentação com a levedura *S. cerevisiae* (EC1118) e co-fermentação (IP-3/EC). Já o tratamento com inoculação sequencial IP-3 + EC (após 48h) apresentou um retardo na fermentação finalizando o processo após 22 dias. Fermentação inoculadas com apenas *I. terricola* (IP-3) mostraram redução de apenas 8.6 °Brix em 26 dias, resultados são esperados considerando a baixa tolerância ao etanol de *I. terricola* (<8% v/v) evidenciada em linhagens como H5 e objeto de melhoramento (GAO et al., 2022). Já fermentações sequenciais ou co-fermentações envolvendo *I. terricola* e *S. cerevisiae* atingem teores alcoólicos elevados e originam vinhos com concentrações interessantes de compostos voláteis (WEN et al., 2019).

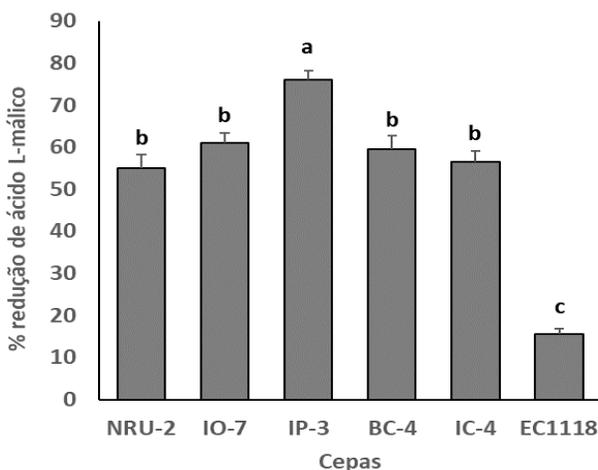


Figura 1. Degradação de ácido L-málico em meio mínimo contendo 10 g/L de ácido L-málico

Como pode ser observado nos gráficos da Figura 2.B, as fermentações com *I. terricola* (IP-3) exibiram redução de 100% do ácido L-málico em 10 dias, enquanto as fermentações co-inoculadas e com inoculação sequencial exibiram 80% de redução no mesmo período. Já a controle (*S. cerevisiae* EC1118) levou a uma redução de apenas 5%

no final do 26 dias de fermentação (Figura 2.B). Estes resultados são comparáveis com aqueles obtidos por Wen et al. (2011).

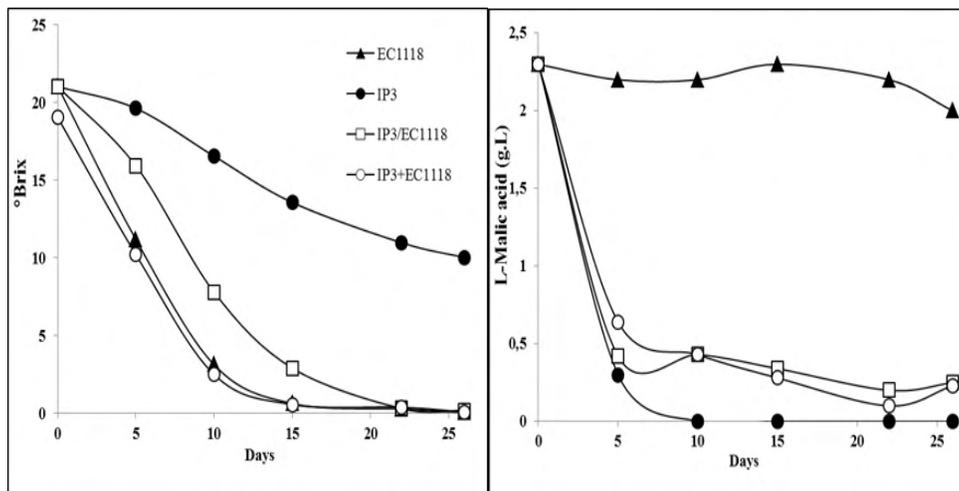


Figura 2. Quantidade de sólidos solúveis (A) e degradação de ácido L-málico (B) durante o processo de fermentação de mosto sintético com 2,4g.L⁻¹ de ácido L-málico inoculado com: (▲)EC1118, (●) IP-3, (□) IP-3 seguida de EC1118 após 48 horas (IP3/EC1118), e (○) Co-inoculação com IP-3 + EC1118.

As análises de glicose, glicerol e etanol (Tabela 1) revelaram que o mosto inicial continha 202 g.L⁻¹ de glicose, que os tratamentos incluindo *S. cerevisiae* consumiram praticamente o açúcar presente no mosto, com concentrações de açúcar residual inferiores a 1%. Por outro lado, as fermentações com apenas com *I. terricola* mostraram 100,04 g.L⁻¹ de açúcar residual.

Fermentações com *S. cerevisiae* atingiram teores alcoólicos de 11,75 a 12,58 % (v/v), enquanto aquelas com apenas *I. terricola* chegaram a 4,73 % (v/v). Neste sentido cabe ressaltar que, de um modo geral, espécies de leveduras não-*Saccharomyces* não são capazes de completar a fermentação vínica, sendo necessária coinoculação ou inoculação sequencial com *S. cerevisiae* (SODEN et al., 2000; CIANI et al., 2006), já que *Saccharomyces*, especialmente cepas enológicas, é capaz de atingir concentrações alcoólicas superiores a 12% (BAUER; PRETORIUS, 2000; FLEET, 2008).

O isolado IP-3 apresentou alta produção de glicerol em relação ao etanol (22,60%) em comparação com *Saccharomyces* (11,90%), entretanto quando utilizada em co-fermentação ou em fermentações sequenciais esta relação diminuí drasticamente não diferindo das fermentações com EC1118 (Tabela 1). O glicerol é um componente do vinho relacionada com o metabolismo de leveduras, que contribui para a doçura, viscosidade e suavidade de vinho (GARDNER et al., 1993; CIANI; FERRARO, 1996). No que se referem à relação glicerol/etanol, segundo Ribéreau-Gayon et al., (2006), vinhos contêm cerca de

8 g de glicerol por 100 g de etanol. Durante a fermentação dos mostos de uvas, 8% das moléculas de açúcar são submetidas à fermentação gliceropiruvica e 92% submetidas à fermentação alcoólica.

	EC-1118	IP-3	IP-3/EC1118	IP-3 + EC1118
Etanol (% v/v)	11,75 ± 0,20 ^{AB}	4,73 ± 0,14 ^C	12,58 ± 0,52 ^A	11,25 ± 0,25 ^B
Glicerol (g.L ⁻¹)	11,27 ± 0,86 ^A	8,50 ± 0,2 ^C	11,11 ± 0,32 ^{AB}	9,94 ± 0,14 ^B
Glicerol/Etanol (% p/p)	11,90 ± 0,57 ^B	22,60 ± 0,16 ^A	10,99 ± 0,38 ^B	11,01 ± 0,20 ^B
Glicose residual (g.L ⁻¹)	0,80 ± 0,18 ^B	100,04 ± 3,16 ^A	0,50 ± 0,27 ^B	0,50 ± 0,09 ^B

* Médias seguidas por letras distintas na coluna, diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade

Tabela 1. Quantidade de etanol, glicerol, açúcar residual e relação glicerol/etanol em fermentação com mosto sintético.

O acompanhamento do crescimento populacional mostrou que o maior número de células de levedura foi atingido aos 5 dias de fermentação tanto no tratamento controle (EC1118) quanto no co-inoculado. Por outro lado, o tratamento com *Issatchenkia* teve o número máximo de leveduras apenas no décimo dia. Em todas as fermentações a quantidade máxima de leveduras variou entre 3 e 6 x 10⁸ UFC.mL⁻¹. Estes resultados mostram que *I. terricola* apresenta baixa taxa de divisão celular em sistema fermentativo, fato que deve ser levado em consideração no desenvolvimento de processos de co-fermentação ou de fermentações sequenciais.

Na sequência foram realizados experimentos de fermentação em mosto da variedade Chardonnay ajustado para 3,22 g.L⁻¹ de ácido L-málico. Como pode ser observado na Tabela 2, o mosto inicial continha 180,0 g.L⁻¹ de açúcares redutores caindo para 3,37 e 3,60 g.L⁻¹ nos tratamentos com IP-3/EC1118 e EC1118, respectivamente, ao término da fermentação (10 dias). Estes valores de açúcar residual permitem considerar os vinhos como secos (<4%) pela legislação brasileira.

Os teores de etanol foram de 9,0 a 9,2%, correspondendo a um rendimento da ordem de >94%. Elevado rendimento indica baixa interferência de *I. terricola* sobre a capacidade fermentativa de *S. cerevisiae*. Segundo Fleet (1993) a espécie *S. cerevisiae*, é considerada como sendo a responsável pela finalização da fermentação, consumindo praticamente todo o açúcar do mosto.

	EC1118	IP3/EC*	Mosto
Etanol (% v/v)	9,00 ^A	9,20 ^A	-
Acidez total (meq.L ⁻¹)	110,00 ^A	104,00 ^B	116,00 ^A
Acidez volátil (meq.L ⁻¹)	10,00 ^A	11,00 ^A	2,00 ^B
Açúcar residual (g.L ⁻¹)	3,60 ^B	3,37 ^B	186,00 ^A
Ácido málico (g.L ⁻¹)	2,99 ^A	1,04 ^B	3,22 ^A
Degradação de ácido málico (%)	10,25 ^B	67,70 ^A	-

* Inoculação sequencial IP3 e EC1118. ** Médias seguidas por letras distintas na coluna, diferem entre si pelo teste de Tukey a 5% de probabilidade.

Tabela 2. Quantidade de álcool, acidez total, acidez volátil bruta, açúcar residual, ácido L-málico e percentagem de degradação de ácido L-málico ao término da fermentação em mosto vínic.

Como esperado, houve um aumento da acidez volátil de 2 meq.L⁻¹ no mosto, para 10 e 11 meq.L⁻¹ nas fermentações com EC1118 e IP-3/EC1118, respectivamente. Porém, apesar da acidez volátil representar um defeito em vinhos (GIL et al., 1996), as concentrações observadas são muito menores do que o limiar de percepção do ácido acético em vinhos (PRETORIUS, 2000).

Já no que se refere a acidez total, as fermentação com EC1118 e com IP-3/EC1118 apresentaram redução de 6 e 12 meq.L⁻¹ em relação ao mosto inicial (116 meq.L⁻¹). O uso de leveduras não-*Saccharomyces* em co-inoculação com *Saccharomyces* tendem a aumentar a acidez total do vinho (KAPSOPOULOU et al., 2007).

O conteúdo de ácido L-málico no mosto inicial (3,22 g.L⁻¹) decaiu significativamente nas fermentações sequenciais IP-3/EC1118, atingindo 67,70% de redução, enquanto nas fermentações com EC1118 o decréscimo de ácido málico foi de apenas 7,14%.

CONCLUSÃO

De um modo geral os resultados obtidos mostram que a levedura *Issatchenkia terricola* selecionada IP-3, utilizada em co-fermentações, inoculações seriadas e em processo fermentativo individual em mosto sintético e mosto vínic é capaz de reduzir significativamente os níveis de ácido L- málico. Estes dados confirmam a capacidade de degradação este composto, mesmo em fermentações vnicas. Por outro lado, *I. terricola*, em fermentações sequenciais com *S. cerevisiae*, não interfere de forma evidente em outros parâmetros físico-químicos básicos do vinho, indicando seu potencial para utilização em fermentações vnicas visando a redução da acidez málica. Entanto, há necessidade de mais informações em relação ao seu comportamento fermentativo e sua contribuição nas características organolépticas do produto final.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, código financeiro 001) e pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, H., COSTELLO, P. J., REMIZE, F., GUZZO, J., GUILLOUX-BENATIER, M. *Saccharomyces cerevisiae*–*Oenococcus oeni* interactions in wine: current knowledge and perspectives. **International Journal of Food Microbiology**, v. 93, p. 141-154, 2004.
- BAUER F.F., PRETORIUS I.S. Yeast stress response and fermentation efficiency: how to survive the making of wine—a review. **South African Journal of Enology and Viticulture**, v. 21, p. 27–51, 2000.
- CIANI M., BECO L., COMITINI F. Fermentation behaviour and metabolic interactions of multistarter wine yeast fermentations. **International Journal of Food Microbiology**, v. 108, p. 239–245, 2006.
- CIANI, M., FERRARO, L. Enhanced glycerol content in wines made with immobilized *Candida stellata* cells. **Applied and Environmental Microbiology**, v. 62, p. 128–132, 1996.
- COMITINI, F., CIANI, M. Survival of inoculated *Saccharomyces cerevisiae* strain on wine grapes during two vintages. **Letters in Applied Microbiology**, v. 42, p. 248–253, 2006.
- COMITINI, F., GOBBI, M., DOMIZIO, P., ROMANI, C., LENCIONI, L., MANNAZZU, I., CIANI, M. Selected non-*Saccharomyces* wine yeasts in controlled multistarter fermentations with *Saccharomyces cerevisiae*. **Food Microbiology**, v. 28, p. 873-882, 2011.
- DELCOURT F., TAILLANDIER P., VIDAL F., STREHAIANO P. Influence of pH, malic acid and glucose concentrations on malic acid consumption by *Saccharomyces cerevisiae*. **Applied Microbiology and Biotechnology**, v. 43, p. 321–324, 1995.
- DOMIZIO, P., ROMANI, C., LENCIONI, L., COMITINI, F., GOBBI, M., MANNAZZU, I., CIANI, M. Outlining a future for non-*Saccharomyces* yeasts: Selection of putative spoilage wine strains to be used in association with *Saccharomyces cerevisiae* for grape juice fermentation. **Applied Microbiology and Biotechnology**, v. 147, p. 170-180, 2011.
- ECHVERRIGARAY, S., RANDON, M., DA SILVA, K., ZACARIA, J., DELAMARE, A. P. L. Identification and characterization of non-*Saccharomyces* spoilage yeasts isolated from Brazilian wines. **World Journal of Microbiology and Biotechnology**, v. 29, p. 1019-1027, 2013.
- FLEET, G.H. The microorganisms of winemaking— isolation enumeration and identification, *In*: FLEET, G.H. Wine microbiology and biotechnology. Chur, Switzerland: Harwood Academic Publishers, 1993, p. 510.
- FLEET, G.H. Wine yeasts for the future. **FEMS Yeast Research**, v. 8, p. 979-995, 2008.

GARDNER, N., RODRIGUEZ, N., CHAMPAGNE, C.P. Combined effects of sulfites, temperature and agitation time on production of glycerol in grape juice by *Saccharomyces cerevisiae*. **Applied and Environmental Microbiology**, v. 59, p. 2022–2028, 1993.

GIL, J.V., MATEO, J.J., JIMENEZ, M., PARTOR, A., HUERTA, T. Aroma compounds in wines as influenced by apiculate yeasts. **Journal of Food Science**, v. 61, p. 1247-1249, 1996.

HEARD, G.M. **Occurrence and growth of yeasts during the fermentation of Australian wines**. 1988. PhD Thesis, University of New South Wales, USA, 1988.

JOLLY, N.P.; AUGUSTYN, O.H.P.; PRETORIUS, I.S. The effect of non-*Saccharomyces* yeasts on fermentation and wine quality. **South African Journal of Enology and Viticulture**, v. 24, p. 55–62, 2003.

KAPSOPOULOU, K., MOURTZINI, A., ANTHOULAS, M., NERANTZIS, E. Biological acidification during grape must fermentation using mixed cultures of *Kluyveromyces thermotolerans* and *Saccharomyces cerevisiae*. **World Journal of Microbiology and Biotechnology**, v. 23, p. 735-739, 2007.

KIM, D. H., HONG, Y. A., PARK, H. D. Co-fermentation of grape must by *Issatchenkia orientalis* and *Saccharomyces cerevisiae* reduces the malic acid content in wine. **Biotechnology Letters**, v. 30, p. 1633-1638, 2008.

KRIEGER, S. The history of malolactic bacteria in wine. *In*: MORENZONI, R., SPELCHT, K.S. **Malolactic fermentation in wine: understanding the Science of Malolactic Fermentation in Wine**, Canada: Lallemand Inc., 2005. p. 170.

KURTZMAN, C.P. *Issatchenkia*. *In*: KURTZMAN, C.P.; FELL, J.W. **The Yeasts: a taxonomic study**. Netherlands: Elsevier, 1998, p. 221-226.

LONVAUD-FUNEL, A. Lactic acid bacteria in the quality improvement and depreciation of wine. *In*: SIEZEN R.J., KOK, J., ABEE, T., SCHASFMSA, G. **Lactic Acid Bacteria: Genetics, Metabolism and Applications**. Netherlands: Springer, 1999.

MILLER, G.L. (1959). Use of dinitrosalicylic acid reagent for determination of reducing sugar. **Analytical Chemistry**, v. 31, p. 426, 1959.

MORENO-ARRIBAS, M. V., POLO, M. C. **Wine chemistry and biochemistry**. Vol. 735. New York, USA: Springer, 2009.

MORENO-ARRIBAS, M.V., POLO, M.C. Winemaking biochemistry and microbiology: current knowledge and future trends. **Critical Reviews in Food Science and Nutrition**, v. 45, p. 265-286, 2005.

NOBLE, A.C., BURSICK, G.F. The contribution of glycerol to perceived viscosity and sweetness in white wine. **American Journal of Enology and Viticulture**, v. 35, p. 110-112, 1984.

PALACIOS, A. Understanding the Science of Malolactic Fermentation in Wine. *In*: MORENZONI, R., SPELCHT, K.S. **Malolactic fermentation in wine**, Canada, Lallemand Inc., 2005. p. 170.

PRETORIUS I.S. Tailoring wine yeast for the new millennium: novel approaches to the ancient art of winemaking. **Yeast**, v. 16, p. 675–729, 2000.

RIBEREAU-GAYON, P.; DUBOURDIEU, D.; DONÈCHE, B.; LONVAUD, A. Biochemistry of Alcoholic Fermentation and Metabolic Pathways of Wine Yeasts. *In*: RIBEREAU-GAYON, P. et al. Handbook of Enology: the microbiology of wine and vinifications. Chinchester, UK: John Wiley & Sons Ltd, 2006. p. 497.

ROCHA, R.K.M.; ANDRIOLI, J.; SCARIOT, F.J.; SCHWARZ, L.V.; DELAMARE, A.P.L.; ECHEVERRIGARAY, S. Yeast diversity in Cabernet-Sauvignon and Merlot grapes grown in the highlands of Southern Brazil. *Oeno One*, v. 56, n. 2, p. 101-110.

RODRIGUEZ, S.B., THORNTON, R.J. (1990). Factors influencing the utilization of L-malate by yeasts. **FEMS Microbiology Letters**, v.72, p. 17-22, 1990.

SAAYMAN, M., VILJOEN-BLOOM, M. The biochemistry of malic acid metabolism by wine yeasts—a review. **South African Journal of Enology and Viticulture**, v. 27, p. 113-122, 2006.

SEO, S. H., RHEE, C. H., PARK, H. D. Degradation of malic acid by *Issatchenkia orientalis* KMBL 5774, an acidophilic yeast strain isolated from Korean grape wine pomace. **Journal of Microbiology**, v. 45, p. 521-527, 2007.

SNOW, P.G., GALLANDER, J.F. Deacidification of white table wines through partial fermentation with *Schizosaccharomyces pombe*. **American Journal of Enology and Viticulture**, v.30, p. 45-48, 1979.

SODEN A., FRANCIS I.L., OAKEY H., HENSCHKE P.A. Effects of cofermentation with *Candida stellata* and *Saccharomyces cerevisiae* on the aroma and composition of Chardonnay wine. **Australian Journal of Grape and Wine Research**, v. 6, p. 21–30, 2000.

VIANA, F., GIL, J., GENOVÉS, S., VALLÉS, S., MANZANARES, P. Rational selection of non-*Saccharomyces* wine yeasts for mixed starters based on ester formation and enological traits. **Food Microbiology**, v. 25, p. 778-785, 2008.

VOLSCHENK H., VILJOEN-BLOOM M., SUBDEN R.E., VAN VUUREN, H.J.J. Malo-ethanolic fermentation in grape must by recombinant strains of *Saccharomyces cerevisiae*. **Yeast**, v. 18, p. 963–970, 2001.

WEN, L.K., WANG, L.F., WANG, G.Z. Degradation of L-malic and citric acids by *Issatchenkia terricola*. **Food Science**, v. 32, p. 220-223, 2011.

WEN, K.S., WANG, J., CHEN, F.S., ZHANG, X.Y. Effect of *Issatchenkia terricola* and *Pichia kudriavzevii* on wine flavor and quality through simultaneous and sequential co-fermentation with *Saccharomyces cerevisiae*. **LWT: Food Science and Technology**, v. 116, 108477, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ácido málico 5, 7, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38

Análises básicas 16, 20, 22, 34, 43, 46

Antocianinas 2, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27

C

Campanha Gaúcha 2, 11, 13

Características sensoriais 43

Cor do vinho 17, 26, 27

E

Enologia 1, 2, 13, 14, 16, 28, 29, 30, 42, 56

F

Fermentação 5, 11, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53

Fermentação vínica 16, 18, 24, 36, 43

G

Glicerol/Etanol 31, 36, 37

L

Leveduras não convencionais 43

M

Melhoramento 16, 17, 27, 35

S

S. cerevisiae 16, 17, 19, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53

V

Vitis vinifera L. 2, 12, 13

Vitivinicultura 2, 43, 44, 54



Vitivinicultura:

Cultivo da uva e produção de vinhos

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Vitivinicultura:

Cultivo da uva e produção de vinhos

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br